



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

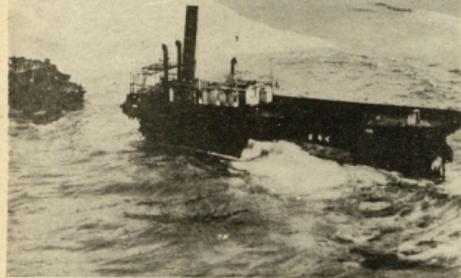
SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

ANO 1 — N.º 40 — PREÇO: 1 ESCUDO — LISBOA, 19 DE FEVEREIRO DE 1942

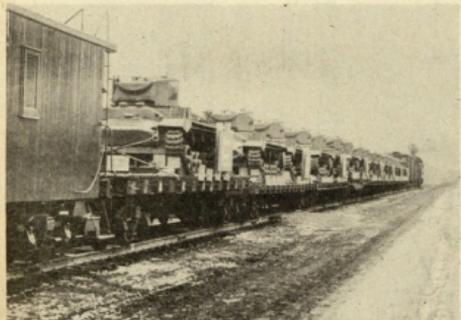
DE REGRESSO DO HISTÓRICO ENCONTRO DE SEVILHA, o dr. Oliveira Seixas chega a Lisboa, acompanhado pelo embaixador espanhol em Portugal, D. Nicolau Franco,



A ASSINATURA DO PACTO BALKANICO EM LONDRES—Da esquerda para a direita (sentados): Eden; Nintchitch (ministro dos Estrangeiros iugoslavo); Yovanovitch (primeiro ministro iugoslavo); Tsouderos (primeiro ministro da Grécia); e Simopoulous (ministro dos Estrangeiros grego).



BARCO MERCANTE destruído pelos bombardeiros ingleses no porto de Tripoli.



«TANKS» DO CANADÁ em trânsito nas linhas norte-americanas para a Rússia.

A EUROPA E O HOIEM

por A. de Sousa Gomes

SE para construir o corpo humano, diz alguns Niels Finsen-ger, tivesse sido necessário consultar um engenheiro, este teria feito agrupar serviços, tê-los-lhe com-plementarizado, classi-ficado e colocado sob uma ordem bem determinada.

Esta lei, tão simples, do agrupamento funcional, que inspira tudo o que pode elaborar o espirito humano, «não é respeitada pela natureza», que «a des-pezza com constância», como se fosse melhor dispersar esforços do que concentrá-los.

Esta coordenação na aparente desor-dem, que é sobretudo notável em cer-tos sectores da medicina interna, neces-sita hoje ser recordada perante a com-plexidade dos problemas internacionais, pois há quem esqueça, que também en-tre as nações, como entre os órgãos do corpo humano, há outras relações, que não são unicamente as anatómicas ou melhor dizendo as geográficas.

O que se passa com a «velha» Euro-pa é um pouco o que se passa com o corpo humano; se se tivesse consul-tado um técnico, ou se tivesse encar-gado um grande homem de construir uma Europa, este dar-lhe-ia uma fei-ção geométrica, agrupando a um lado os países pequenos, a outro os grandes, e todos êles o mais uniformemente dis-tintos para não houverem confusões.

A natureza não procede assim; adop-tou «sistema idêntico ao adoptado para o corpo humano, e misturou tudo, na-ções grandes com nações pequenas, na-ções amigas com nações inimigas e mar-cou bem marcada a não uniformidade dos pátrias ou melhor a sua acentuada diversidade.

Quando tudo parecia indicar que as relações, e afinidades geográficas, de-viavam influenciar, e orientar, as afini-dades de espirito, verifica-se que é ex-actamente o contrário, o que sucede, pois há povos, espiritualmente ligados a povos distantes e absolutamente opostos, sob êsse ponto de vista, aos que lhe fi-cam perto.

E, assim como no corpo humano, há certos órgãos que são por assim dizer os que dão a nota central da orquestra-ção fisiológica, assim na Europa há na-ções que têm a condição de ser o centro espirital que estabelece ligações—por simpatia—muito para além das suas fronteiras e das de outros povos, vizi-nhos ou não.

Vemos assim nesta complexidade de povos, dos mais diferentes tamanhos e feitos, dos há laços extra-anatómicos ou extra-geográficos, que unem, se não todas as nações entre si pelo menos algumas delias.

Ainda há poucos dias ouvimos um ofi-cial francês, recentemente fugido dum campo de prisioneiros, contar, de Lon-dres, a impressão que lhe fez o acolhi-mento colosso que, em Vísio a Polónia, lhe foi prestado quando fugiu.

Dizia elle que, em todas as portas onde bateu, bastava saberem que era

francês para o receberem de braços abertos e, embora o não esperasse, foi encontrar no espirito da gente polaca uma imagem França o que chama-va «le visage idéal de la France».

Achamos interessante esta referência à figura ideal da França porque também nos succedeu, nos nossos leituras, lêrmos encontrado num livro dum escritor polaco a melhor visão do problema fran-cês e da missão da França na Europa.

O carinho com que a França é re-cordada em vários países, apesar do des-astre, tem impressionado muita gente e, ainda há pouco, vimos, numa revista franceza, referência ao facto de muitos francezes terem sido reconfortados no seu patriotismo ao verem o maneira co-mo na Suíça amavam a França e como se interessavam pelos francezes, que pa-ra ali tinham ido.

Todos nós conhecemos um ou outro francez que por Portugal tenha passado e que as mesmas impressões tenha colhi-do, e todos nós temos a convicção de que poucos países terão, como a França, capacidade para se fazer estí-mulo mesmo quando estão em posição difficil.

Parece-nos que o exemplo da França é um dos mais demonstrativos das unides supra-geográficas, ou espirituais, entre as nações e isto é de tal maneira ver-dadeiro, que o facto se está a estimar e amar a França não quer dizer, que se simpatize com todos os francezes.

A simpatia por aquêles país não é a soma do simpatia pelos francezes; é uma consequência das características da alma daquella nação e da sua tendência nota para uma larga comprehensão dos problemas humanos.

Não se pode evidentemente prever até que ponto a França adquirirá no fu-turo o seu posição de país que, como diria o Conde Ganzaga de Reynold «melhor comprehende o homem» pois ainda é cedo para se calcular as resultantes da pressão psicológica que está subme-tida a alma franceza. O que se pode desde já afirmar é que desta convulção a que estamos assistindo há de sair mais acentuada a diversidade das pá-trias; a tendência para uma Europa armadura pelo mão do homem e com-partimentada à sua vontade não poderá prevalecer durante muito tempo. Essa diversidade dos pátrias é uma con-sequência de uma lei natural; e uma das leis de que Deus se serve para go-vernar o mundo.

O facto, porém, de se dizer que a di-versidade dos Pátrias se accentuará não quer dizer, que seja natural viverem totalmente isoladas umas das outras.

Já houve quem entre nós apressasse a necessidade de vivermos «solitários» e indiferentes à sorte dos outros. Esse egoismo é também anormal; isso equivale a desejar que no corpo hu-mano não houvesse interdependência de funções.

Pode haver mais afinidade, e há, en-tre tais e tais países do que entre êstes e aquêles; e não pôde haver in-diferença total; é impossível viver solitário porque as parcelas nunca são in-dependentes do todo.

JOSE CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844
Composto e impresso nas Officinas Gráficas Botondum (Lisboa), Lda. — Tirocena da Coudade do Rio, 17 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS para Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 19, 2.º — Telefone 26842.
VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Regressou a Pátria
o Embaixador de
PORTUGAL
em Londres



O EMBaixADOR ARMINDO MONTEIRO E A SR.ª EMBaixATRIZ durante a sua recente passagem por Lisboa. (Foto feita para «Vida Mundial Ilustrada» por J. Garcia)

A revolução de Napoleão

reconhecimento decisivo e definitivo de mudança de situação? pelo tenente coronel I. J. E. I. L. O. P. O. R. T. I. E. L. L. A

LESDE a mais remota antiguidade que os homens lutam para melhorar a sua situação.

Agrupados em povos, combatavam uns contra os outros afim de conquistarem territórios e riquezas.

A lórga constituía, primitivamente, a base do «direito», criando o privilégio. Os povos guerreiros e bem armados eram os povos privilegiados.

As regras de vida da comunidade humana estavam subordinadas «à lei da força» a que muitos chamam «Direito Natural».

Esta «tal direito» ignora a inteligência, o espírito, a consciência e as outras faculdades morais que devem caracterizar e distinguir o ser humano.

A religião deu à humanidade regras e leis baseadas na lórga moral, e assim o homem se foi aperfeiçoando.

No ocidente o Cristianismo incutiu no homem o sentimento da fraternidade, do amor, do respeito pela liberdade do indivíduo, sua consciência e seus direitos, pregando a igualdade de todos perante Deus.

Reprovando o uso da lórga como meio de satisfação própria, negando a existência do privilégio de regra ou de casta, lançou o Cristianismo os fundamentos da Justiça e da Solidariedade humana.

No Oriente, Confúcio estabeleceu regras morais que levaram a China a um elevado grau de civilização, e que ainda hoje constituem o fundo da vida chinesa e japonesa.

Parece que Confúcio foi buscar à Índia o fundamento da sua doutrina, que é mais uma filosofia do que uma religião, como muitos indevidamente julgam.

Esse tal «direito natural», tende a desenvolver no homem os seus instintos animais em prejuizo do sentimento, da alma e da moral.

Aqueles que ainda hoje preconizam tal direito esquecem-se de que a aplicação consiste a negação da própria civilização e o retrocesso à «barbaria».

Civilização significa, antes de tudo, aperfeiçoamento moral da humanidade.

Nos tempos da «barbaria», os povos eram obrigados a organizarem-se solidariamente na defesa das suas vidas e riquezas próprias, contra os ataques e as invasões das suas terras.

A história mostra-nos que as grandes campanhas de batalha se encontram precisamente nas regiões mais férteis.

A riqueza do solo despertou sempre a cobiça alheia.

És porque os vales do Danúbio e do Nilo, e as riosas províncias da França e da Ucrânia foram, na história, os teatros das mais sangrentas batalhas.

a) Métodos de defesa

Os «scythas», que habitaram a Ucrânia e o vale do Volga, tinham os seus métodos próprios de defesa.

Estes consistiam essencialmente em deixar penetrar profundamente o inimigo nos seus territórios, destruir e devastar todas as regiões abandonadas, incendiando tudo.

Esta forma tirava as hostes invasoras tanto os meios de vida para po-

derem permanecer no território, como as riquezas para serem roubadas.

Associaram-se, muitas vezes, com os seus irmãos, os «partas», que passaram à história como os mais terríveis guerreiros da retraição.

Passavam quasi toda a vida a cavalo, sendo chamados cavaleiros e admiráveis atiradores ao arco.

A sua tática consistia em carregar, e fugir em seguida.

Era durante a fugida que os «partas» lançavam as suas flechas ou setas certeiros e mortais, acabando por dizimar o inimigo, ou despojá-lo, como é uso dizer-se agora.

Assim a história considera que a fuga era o verdadeiro elemento do combate parta.

Ainda hoje se costuma dizer de alguém que, no momento da despedida, larga uma ironia cruel ou sarcasmo mordante, que lançou uma «seta do parta».

O covoso, descendente directo destes povos, e o russo, conservam ainda o mesmo espírito atávico.

Quando Napoleão, em Moscovo, assistiu impotente ao incêndio da cidade, não pôde deixar de exclamar: «São os scythas! Bárbaros!»

As devastações a que assistiu durante a sua campanha até Moscovo, haviam-lhe confirmado as características atávicas da raça.

b) Defesa total

Se considerarmos a campanha actual da Rússia, devemos também verificar a sobrevivência daquelle mesmo espírito.

O scytha de então, como o russo de agora, praticava as regras duma «defesa total».

É como a guerra moderna é uma guerra «total»; e as ofensivas reali-



O tubo lança-chamas automático

zadas pela Wehrmacht têm sido «ofensivas totais», que dizimam: empregando a totalidade dos meios na destruição do inimigo (das suas lórgas armadas, das suas centras populacionais, afim de atingir o moral do habitante, dos centros produtores, das suas vias de comunicação, etc.), só a aplicação de uma «defensiva total» poderia contrabater o método adoptado por este sistema defensivo.

A retraição russa foi caracterizada por esta ideia de «defensiva total».

Agressividade constante da contra-ataque, fustigamento ininterrupto do inimigo e das suas rectaguardas, devastação geral da propriedade, dos centros produtores, das vias de comunicação, incêndio e destruição das localidades e casas de habitação, emigração em massa de cerca de 30 milhões de almas, eis os factores principais da «defensiva total».

Os relomes ofensivos dos engenhos blindados, os franco atiradores embudados nas árvores e nas telhados, ou nas casas, as guerrilhas organizadas e as «stormvrij», nos seus vãos mascarados, vieram substituir as setas dos partas.

Mas a alma do scytha e do parta revelou-se mais uma vez na história.

Qual seria o povo da Europa, ou da América, capaz de proceder firmemente à aplicação rigorosa destes métodos?

Restia agora saber se o russo moderno teria também procedido a estas operações obedecendo à mesma tática dos seus antepassados.

c) Tática scytha e de 1812

Os scythas usavam fugir, em pequenas bandos, perante o invasor que se apresentava mais fortemente armado e superior em número e organização.

Durante a fuga, lá dizimando pouco a pouco os efectivos das hostes adversas, atirando-as para regiões ou locais onde outros bandos, escondidos em geral nas florestas, se lhes juntavam cercando o inimigo, que acabavam por aniquilar, dada a grande superioridade numérica conseguida na fase final da luta.

O adversário deixava-se arrastar pela convicção que tinha de marcar de vitória sobre vitória.

A vitória consistia, então, em ocupar e ficar senhor do terreno da luta, após o combate.

O scytha fugia. Tinha, portanto, sido derrotado.

Com o aniquilamento do invasor, a scytha voltava de novo a recuocar os territórios abandonados.

d) Campanha Napoleónica

Em 1812, o russo teve uma tática semelhante à dos scythas.

Foi dizimando as lórgas de Napoleão e seus aliados, durante a retraição sobre Moscovo; em seguida fustigou-lhe as suas vias de comunicação.

Os selectivos napoleónicos foram-se derretendo progressivamente durante o mês de permanência em Moscovo. Durante a marcha de retraição de Moscovo até a fronteira, Kutsov foi fustigando as exércitos aliados, e estes, instando para que fizesse largando um ataque decisivo contra os restos desbaratados do exército napoleónico — a «est-grande armadilla» britânica — e os russos.

Kutsov nunca consentiu um empenhamento de fundo, nem em Taurinno,

nem em Malo-Yaroslavetz, nem em Smolensko, nem mesmo no próprio Bérésina.

Diziu êle desejar lançar a Napoleão uma «ponte de ouro» para êste sair da Rússia.

Esta politica da «pont d'or» malquistou o com o Czar Alexandre, com uma grande parte dos seus generais e, sobretudo, com a Inglaterra, que viu perder-se a melhor ocasião de destruir totalmente a lórga francesa comandada directamente por Napoleão.



O obstáculo formado pelos carris de caminho de ferro

Kutsov entendia que a sua missão, e a do exército russo, era expulsar o invasor do território nacional, o que pretendia realizar com o máximo de economia de vidas russas.

O Czar nunca lhe perdoou ter êle deixado partir para a Rússia a glória de bater definitivamente Napoleão.

Na opinião de Kutsov a guerra europeia de Napoleão contra a Inglaterra, Espanha e Portugal, não interessava à Rússia, e, contudo, um ano mais tarde, lá estava êle no Turin e nos vales do Elster e do Elba a comandar as lórgas russas da coligação austro-russo-prussiana.

Nesta altura, decerto, devia ter considerado, que mais economicamente teria sido bater Napoleão em 1812 do que ter ainda que verter muito mais sangue russo nos anos seguintes.

e) Tática de 1841

Já vimos atrás que os métodos adoptados pelo russo actual durante o período de retraição, foram, em tudo, identicos aos dos scythas e aos dos russos de 1812.

Crece agora saber se os métodos de expulsão se vão assemelhar ao scytha da antiguidade, ao russo de Pedro o Grande, ou ao russo de Alexandre I.

O scytha atava o adversário a regiões onde previamente tinha organizado a batalha decisiva a que se referia o aniquilamento e a expulsão; Pedro o Grande — teve uma attitude semelhante — deixou enterrar os exércitos de Carlos XII, da Suécia, pela Ucrânia dentro; isolou-os, desbaratou-os na batalha decisiva de Poltava e em seguida expulsou-os; Kutsov — em 1812 lançou o «pont d'or».

Em 1941 o russo retirou até as portas de Moscovo, onde se deram as mais sangrentas batalhas desta guerra.

Teria sido a batalha de Moscovo uma batalha defensiva idêntica às anteriores, como as de Bialistok, do Pruth, da Ucrânia, do Dnieper e da linha Staline, etc., ou seria esta uma batalha especialmente preparada como linha de desceitas?

Seria Moscovo a tal batalha decisiva, como falava, que havia de provocar a inversão da situação?

Pelas informações que já agora aparecem, tudo leva a crer que a batalha de Moscovo foi preparada com longa antecedência, e que as condições anteriores foram meras ações preparatórias deste «acontecimento decisivo».

DEFESA DE MOSCOVO

O serviço de propaganda alemão publicou uma revista militar inspirada pelo alto comando das forças armadas, intitulada «Die Wehrmacht».

Esta revista, embora criada para fins de propaganda, representa um interesse certo de leitura.

O seu ilustre director tem tido a gentileza de nos remeter regularmente esta publicação, pedindo-nos para dela darmos conhecimento aos nossos leitores.

Fazmo-lo hoje, com prazer, procurando assim dar-lhe satisfação e retribuir-lhe a sua amabilidade, procurando, sobretudo, esclarecer o leitor.

Segundo a descrição feita pela «Die Wehrmacht», a defesa de Moscovo compreendia uma zona organizada defensivamente numa profundidade de 15 quilómetros.

Esta posição organizada, estendia-se numa extensão superior a 350 quilómetros, indo da região de Kalinine à de Tula.

Segundo outra informação, esta posição abrangia completamente Moscovo, tinha uma profundidade de 15 a 30 quilómetros e encontrava-se a uma distância variando entre 65 a 120 quilómetros da capital.

Ela constituía a «posição principal da defesa exterior» de Moscovo; outras posições intermédias existiam, além desta, e da defesa próxima concentrada da capital.

Esta última era semelhante à de Leningrado.

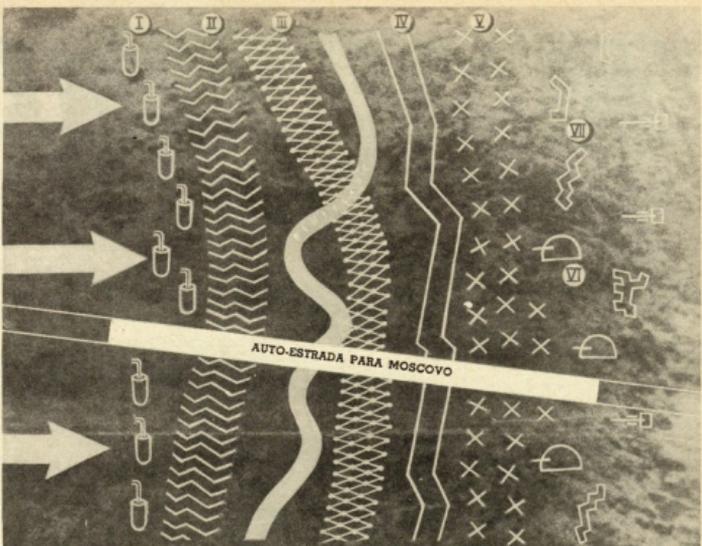
Esta posição exterior compreendia uma série de 7 linhas defensivas, assim distribuídas:

1.^ª linha — Zona de lanças-chamas. Esta zona estava semeada de lanças-chamas enterradas deixando apenas de fora a boca do tubo ejector.

Estas lanças-chamas podiam funcionar automaticamente (por meio de célula foto-eléctrica) ou serem comandadas à vontade por operadores abrigados à retaguarda em fortes abrigos betoados.

O comando era mecânico e eléctrico. Quando o carro accionante se aproximava à distância de impregnação a célula foto-eléctrica, esta estabelecia a corrente que accionava o lança-chamas, ou então o operador à retaguarda fazia funcionar o comando respectivo. (Vide I).

2.^ª linha — De trincheiras anti-carros (campo de esparagos). Era constituída por uma série de trincheiras em zigue-zague, paralelas entre si e dirigidas em profundidade, isto é, orientadas no sentido da marcha dos carros. Desta forma os carros só podiam se-



O plano da defesa de Moscovo, segundo a descrição feita pela revista alemã «Die Wehrmacht».

guir em fila e no espaço compreendido entre as trincheiras (que naturalmente estava minado e era batido por fogos especialmente apertados).

O seu traçado em zigue-zague obriga o carro a mudar constantemente de direcção, a qual dificilmente pode ser seguida pelo condutor, dada a pequena distância que separa as trincheiras entre si.

Quando o carro desliza sobre a trincheira e a segue longitudinalmente, os espasmos ou vigos de que esta está erigidas acenam sobre as lagartas, fazendo-as saltar dos rolamentos.

Desta forma, o carro fica imobilizado, tornando-se alvo fácil de atingir. O soldado alemão chamava-lhe campo de esparagos. (Vide II).

3.^ª linha — Curso de água organizado. Esta linha compreendia, em geral, um curso de água.

O curso de água constitue, por si só, um obstáculo, mas uma organização defensiva de minas e barretes e outras defesas accesorias completava o seu valor. Esta linha ocupava vários quilómetros de profundidade. (Vide III).

4.^ª linha — Fossos rotatórios de carros. Constituída por uma série de dois ou mais fossos de muitos metros de largo e de profundidade.

Estes fossos estavam abertos numa direcção paralela à frente, isto é, em direcção perpendicular à das trincheiras anti-carros, e eram, em geral, reobertos com uma rede de camolhões, funcionando assim de ralzeira. (Vide IV).

5.^ª linha — De cavalos de frisa.

Compreendia uma zona de grandes cruzes de carris de caminho de ferro, soldados a anteparos, e ligados entre si por outros carris.

Estas «Spanische Reiter», como as chamam os alemães (cavalinhos espanhóis, traduzido à letra), espalhavam-se por uma grande superfície de muitos quilómetros em profundidade, e eram entrelaçados por arame larpado. (Vide V).

6.^ª linha — De fortins.

Atrás destes fossos estendia-se uma zona de pequenos fortins, ou «bockhaus», abrigando peças anti-carros de calibre variável e metralhadoras. (Vide VI).

7.^ª linha — Posição de artilharia e tropas.

Os fortins eram a última linha de cobertura das tropas; na sua retaguarda estendiam-se, então, uma série de trincheiras de campanha, para pequenos postos de infantaria que cobriam as posições de artilharia instaladas em abrigos de campanha. (Vide VII).

CONCLUSÃO

Como se está longe da organização defensiva preconizada pelo nosso regulamento I.

O commando que me ler verificará que a 7.^ª linha defensiva é que corresponde sensivelmente à nossa «posição de resistência».

De facto, nesta organização, também ela constitue a verdadeira posição de resistência, mas antes de a abordar quantos obstáculos activos e passivos não foram criados!

Deve contudo esclarecer-se que a distribuição das forças de infantaria difere da nossa concepção.

Enquanto nós colocamos a massa principal (pelo menos 2/3) da infantaria a cobrir a artilharia, na defesa de Moscovo esta massa encontra-se à retaguarda, como reserva destinada aos contra-ataques.

A defensiva russa é essencialmente dinâmica, e o contra-ataque é a sua arena principal.

Pelo exposto se verifica:

1.^ª — Que este trabalho de centenas de quilómetros numa posição continua

de 15 a 30 quilómetros de profundidade levou muitos meses a fazer.

2.^ª — Que o início da sua execução deve datar, pelo menos, da época da batalha das fronteiras.

3.^ª — Que foi previsto, pelo comando russo, o recuo até esta zona.

4.^ª — Que a missão das forças da frente consistiu em retardar o avanço inimigo até que esta posição estivesse devidamente instalada.

5.^ª — Que a região de Moscovo foi considerada como fase estratégica para as futuras operações.

6.^ª — Que devia ser intenção do alto comando russo travar a batalha de Moscovo no momento mais favorável — o inverno.

7.^ª — Que esta dota fixava o prazo marcado para a acção retardadora das forças da frente.

8.^ª — Que a deslocação de 1.500.000 homens da Sibéria para Moscovo leva meses.

9.^ª — Que foi o exército siberiano de Blucher, quem deu a fase final da batalha de Moscovo e quem lançou a contra-ofensiva.

Portanto, a batalha de Moscovo foi preconizada, os exércitos alemães foram atraídos a ela; e a idea russa deve constituir o seu «événement» definitivo — que decide da mudança de situação.



Um aspecto dos fossos anticarros

Para se vestir com elegância, economia e perfeição, basta em duas estas boas lendas e um bom alfaiate.

Ora é isso que se encontra na Rua Arco Marquês de Alegrete, 20. 1.^ª

ALFAIATES
GOUVEIA
& DIAS, L.^{DA}

VAI CADA DA GLORIA

SINFONIA DE ABERTURA

AO Carnaval sucedem as Cinzas. Em seguida ao Estrado cristão vem a Quaresma. Depois da capa colorida de Arlequin, o burel escuro de São Francisco de Assis. A própria Colômbia já não ri: numa vaga névoa melancólica abre um livro de orações — e rezava. Em vez de serpentina que se aparam, há violetas que se desfolham. Termina a folia: vai começar a penitência. Após a vertigem em que burocraticamente se concedem à matéria os seus direitos, inicia-se oficialmente esse período de meditação em que se procura resgatar as nossas culpas num devorado jejum. «Memento, homo, quia pulvis est et pulverem revertetur». Lembra-te, homem, que és pó e que em pó te há de tornar. Aquela imagem de buco negro, brandindo nas mãos uma foice, que surge, em quarta-feira, simbolizando a morte, não constitui apenas uma caricatura: é, na sua expressão burlesca, um tratado de filosofia. Meditamos sobre esse tratado — e jejuamos...

ANGELA PINTO

A grande Angela falhou uma vez a um ensaio, no D. Amélia onde estava contratada. O visconde, nessa noite, notou-lhe franzindo o nariz: — Parece impossível, ó Angela! Vozes são todas o mesmo. Têm todas as mesmas fraquezas...

Resposta imediata de Angela Pinto: — Isso de fraquezas, virgula. Ainda agora jantei no Leão de Ouro!

O AZEITE DE SANTO ANTONIO

HAVIA um rico mercador no tempo de D. Manuel, chamado Cristóvão Lopes, que se arruinou por causa de certa mulher. Ele que vivia em opulência passou a viver na miséria. Uma tarde chegou-se-lhe um frade e pediu-lhe um cestil para o azeite de Santo António. Logo lhe respondeu desdenhosamente o mercador: — Dizei à Santo António que se deite de dia, que é o que eu faço...

AS RAPARIÇAS

NA aula dum liceu feminino no dia da visita do inspector: — Levante-se a mais aplicada — exclamou este: — Nenhuma das rapariças se levantou. — Vejo com profunda alegria que nenhuma é vaidosa. Levante-se a mais bonita.

Todas as alunas se puseram de pé.

PEDRO BORDALO

PEDRO Bordalo Pinheiro que a morte levou recentemente na sua asa negra era, a par dum rara elegância espiritual, uma alma acolhedora e bondosa. Conta-se dele esta aneddotica que o define.

Um belo dia foi procurado por um rapaz de pouco mais de vinte anos de idade apegado ao jornalismo. Experimentara várias profissões. Em todas falhara. Tinham-lhe aconselhado esta em que tantos medeiros togam farras careira. Ou conseqüência isto — ou morte de fome. Pedro Bordalo simpatisou com esta sinceridade, norri e perguntou: — O senhor rege-se com facilidade? — Confiço que não. — Mas, ao menos, sabe ler e escrever?

BILHETE DE IDENTIDADE



NOME — José Fernando de Sousa. Alcumha que ele próprio escolheu: «Memo».

NACIONALIDADE: Viana do Castelo ou Mar.

DATA DO NASCIMENTO: Alguns anos antes de Cristo, mas está fresco como uma silice.

PROFISSÃO: Ex-edifical do Exército, ex-engenheiro das Obras Públicas; actualmente é apenas jornalista, despoeto que tem praticado desde criança.

ESTADO: Interessante (como o de todos os conselheiros).

NACIONALIDADE: Peta do Peta.

RESIDENCIA: Cidade das guitarras, à esquina de dois Carvalhos. Silvo Carvalho e Saraiva de Carvalho (ruas).

IMPRESSAO DO INDICADOR: Regular, ainda que bastante esborratada.

ALTURA: Assim, assim...

OLHOS: Castos e custanhos.

SINAIS PARTICULARES: Maria autoritária. Bigode carente. «Voz» aguda.

Alguns subjugos. Inconstante emergim espirital. Come com apêlito.

Tem uma posição: o origlio de fundo. Teve uma doença grave: foi senador.

Lisboá, 19 de Fevereiro de 1942.

Pelo Director do Arquivo
Digitaria

— Com muita dificuldade.

E, quando o pretendente estava já convencido de que não conseguiria nada, Pedro Bordalo, exclamou:

— Tenho pena de si. Está admitido. Fica encarregado dos espaços em branco...

AMELIA-ROBLES

O primeiro nome de Robles Monteiro é este: Felisberto. Mas, como tantas vezes sucede, a intimidade familiar simplifiquê este nome para Bertio. No dia em que pediu a mão de Amélia Rey Colaço, assevera-se que

esta lhe disse, num grande sorriso côr de rosa:

— Agora, sim, és — Felis... bertio!

JUNQUEIRO

O grande poeta dos *Simplex* chegou uma noite a uma velha hospedaria da Beira. Apresentaram-lhe, mal entrou, um livro onde devia escrever o seu nome, idade, profissão, etc. De repente, enquanto escrevia as indicações exigidas, uma pulga — o ser vivo que, depois da mulher, mais procura apressar-se do homem — saltou e veio pos-

sar, um momento, sobre a página do livro. Imediatamente o poeta voltou-se para o hospedeiro e, cofando as suas enormes barbas bíblicas, disse-lhe:

— Tenho andado por muita hospedaria má. Agora uma hospedaria em que as pulgas vêm esperar os hóspedes à entrada é uma hospedaria péssima. Prefiro ficar na rua.

E saiu.

ESTRANGEIROS

LEITAO de Barros contou-me ontem:

— Há dias uma sãmbora francesa, recém-chegada a Portugal, pediu que lhe mostrassem os Jerónimos. Claro: levaram-na a Belém. Mas, chegada ao monumento, logo começou a barafustar: — «Pardão... Eu queria ver érra o Jerónimo Martiro e Filiz, onde se comemoram choses que vier manger...»

A ETERNA CANÇÃO

HAVIA, noutros tempos, no caminho de Mafra para Torres um estalajeiro que, era raro o dia, não batia desalmadamente na mulher. Quando o advertiam por isso era certo que o noivo homem arranjava uma cara de misericórdia e respondia:

— Eu não batô — Deus me livre disso — na minha querida mulher; em quem eu batô é na desalmada filha da minha sogra...

JOSE LOUREIRO E OS GALOS

TALVEZ não sabem que o empresário José Loureiro tem a mania dos galos. Os galos são a sua mascote. Entretanto nem sempre para êle o teatro tem sido — canja...

O DIZER DO FRADE

QUANDO Filipe II de Espanha veio, pela primeira vez, a Portugal, dizia um frade berrando:

— A cadeia do rei de El-Rei pesa duas arrobas!

— E como pode êle com tão grande peso — perguntaram-lhe.

— Pode, porque a cadeia é ôca.

OS «VENCIDOS-DA-VIDA»

FRANCISCO de Oliveira Martins, espirito brilhante e herdeiro dum nome ilustre, evocou uma noite desta, na Sociedade de Geografia, o celebre grupo dos *Vencidos-da-Vida*. Entre outras coisas ficou-se sabendo que o Rei D. Carlos a si próprio se denominava, por analogia com o grupo celebre — *Vencido-da-vida* sobrellestano...

LIVROS DE MEMÓRIAS

SAILI o anunciado livro de memórias de Carlos Leal. Chama-se *Água-forte*. Outros volumes do mesmo género se annunciam com os seguintes títulos:

— *Palmas Bastos — Água de rosas*.

— *Aura Abranches — Água de Floc de laranja*.

— *Maria Matos — Água de Luxo*.

— *Berta de Bivar — Água-moeda*.

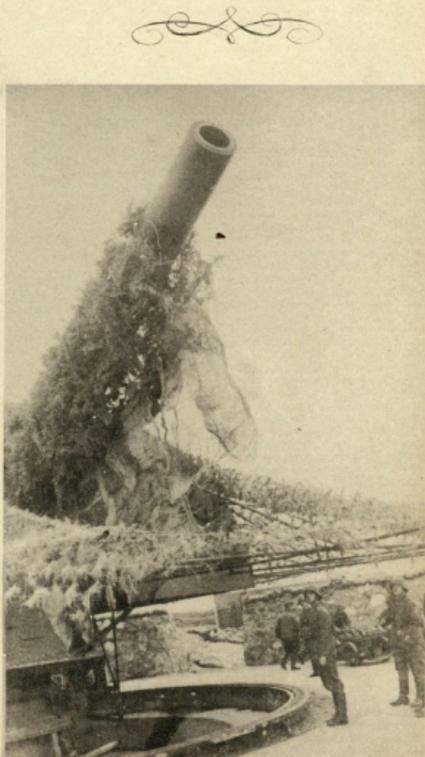
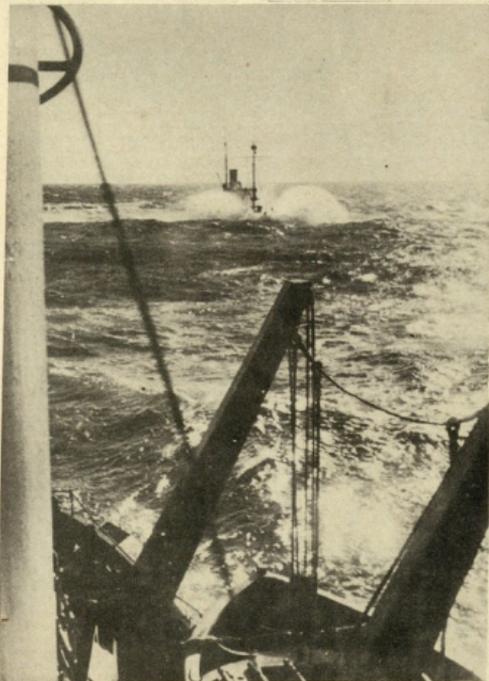
— *Erico Braga — Água de Colômbia*.

— *Amarante — Água-pé*.

— *Alegria — Água-dente*.

Luís Silveira Martins

A acção diplomática e militar do Reich



EM CIMA, à direita: As personalidades militares que tomaram parte no acto da assinatura do acordo entre a Alemanha, a Itália e o Japão sobre a condução da guerra contra as potências inimigas comuns. À esquerda (sentado), o tenente-general Marvas. Em pé, o marechal de campo Keitel. À direita (sentado), o vice-almirante Nomura. EM BAIXO, à esquerda: Pequenos navios da Marinha de guerra alemã que patrulham o Skagerrak; à direita: Uma das peças de longo alcance da artilharia de costa da Marinha alemã que defendem todo o litoral contra a aproximação de forças inimigas.

ESTERA MISTE

Grande romance policial do escritor americano Max Zetton

Especial para *Vida Mundial Ilustrada*,

(Continuação dos números anteriores)

CAPÍTULO IX

UMA RÉSTEA DE LUZ?

A despeito de muito fatigado, Charles Read reuniu forças para se fazer conduzir ao escritório onde passara os anos mais sombrios de sua vida, e apresentar-se a um emista Jack Stone, o seu antigo patrão.

Aquela visita trazia-lhe à mente um mundo de recordações, algumas bem desagradáveis, sobretudo a da suspeita que durante alguns tempos pesara sobre a sua honrabilidade, até que lhe conseguira descobrir quem era o vendeador laudado. Por entre essas evocações sombrias, uma havia, porém, que lhe era grata—a da sua antiga companheira de trabalho, «miss» Dorothy, que sempre lhe dispensara um grande carinho, mesmo quando Stone e todos os outros empregados a consideravam uma autêntica nulidade.

Era com ela, com a doce «miss» Dorothy, que ele costumava desabafar, quando os desgostos mais o apenavam. Ficara dela a sua confiança. E Dorothy escutava-o com um carinho quasi maternal.

A gentil dactilógrafa, muito hábil e diligente no trabalho fora recomendada por John King a Jack Stone. Para este, um pedido da grande industrial era ordem. E o jovem, que era de uma rara beleza, embora discreto, encontrara no patrão um disvelo e uma atenção quasi paternais.

A expressão melancólica da linda rapariga, o seu olhar doce, puro, o seu sorriso triste, os seus maneios suaves, cativaram Charles Read desde a primeira dia em que a viu entrar, timidamente, no vasto sala onde trabalhava pessoal do expediente, e tornou-o pessoal do expediente de escrever, que não ficava muito longe da sua.

Começaram, logo de início, a dar-se como bons amigos. Charles, junto dela, não sentia aquele acanhamento que costumava manietá-lo e amoldá-lo, junto de um jovem, principalmente se ela era bonita. Dis-se-lhe a conhecer Dorothy havia muitos anos e a primeira conversa que tiveram foi como que a continuação de uma conversa interrompida no dia anterior.

Não era ela, como a maioria das mulheres, exuberante de palavras nem inclinada à melancolia. Pelo contrário, parecia gostar mais de ouvir do que de falar e, no seu opinião, todas eram boas pessoas, dignas de apreço.

Talvez devido ao seu feio comedido e igualmente melancólico, Charles Read tornou-se logo, entre todos os seus companheiros de trabalho, o seu preferido. E esta preferência, notada pelos colegas, de princípio, deu ensejo a comentários e insinuações de namoro, que acabaram por se dissipar, porque, na verdade, entre ambos nunca houvera senão uma estima fraternal.

Charles Read admirava nela os sentimentos de ternura pelo mãe, porque elle próprio também amava a sua, recordando-a com respeito e conservando-lhe grato a sua memória pelo muito

que se esforçara por que elle adquirisse alguma instrução.

Sobre sua irmã Judy, mais velha do que ele, é que Read sempre notara em Dorothy uma certa reserva. Constatava no escritório que essa tal Judy, que elle nunca vira, era muito levisna, dando grandes desgostos à mãe, pela facilidade com que mudava de amores.

Charles Read pouco ou nada sabia da tal Judy, porque Dorothy fazia sobre elle um silêncio triste, que elle sempre respeitou, condão do despeito que a pobre rapariga devia sentir por ter uma irmã tão pouco respeitável. Lembrava-se de, quando Judy foi raptada (logo menos era essa a versão que corria). Dorothy andar visivelmente nervosa e affeita. Foi por essa ocasião que elle ouviu uma referência menos agradável à irmã. A dactilógrafa confessava receber mais que Judy tivesse sido

dades policiaes ainda não se tinham manifestado em Charles Read para que elle se lembrassem para descobrir o paradeiro da raptada ou fugitiva.

A própria Dorothy evitava referir-se a esse triste acontecimento. Considerava sua irmã como morta e, embora a vida pouco correcta de Judy não lhe merecesse aprovação, guardava no seu íntimo um grande desgosto pelo pouca sorte da desaparecida.

Quem diria o Charles Read que estava reservada à prudente, comedia Dorothy destino tão semelhante ao da estourada Judy? Ah!—pensava o «detective»—o motivo do desaparecimento de uma era muito diferente do da outra.

Aquella noticia deixara-o bastante surpreso e triste. Havia mais de um ano que não via Dorothy. Nunca mais

dade a si mesmo, a immensidade do affecto e a ligava a Dorothy affectada pelo facto de elle se lembrar do habitual continuo com que sempre o tratara. Mas agora, que um acontecimento tão grave acabava de se produzir, encontrava-lhes uma significação mais profunda e mais grata, a sua vida. Dorothy confiava nêlle. Uma jovem só confia: assim num homem quando o considera mais do que um irmão. E tinha a certeza, a jurá-lo se preciso fosse, que elle seguira de longe, em pensamento, todos os seus passos na nova carreira em que se lançara com tanto entusiasmo, e que exultava a cada triunfo que elle assinalava. Sentia vergonha de confessá-lo o si mesmo, mas estava convencido de que Dorothy o amava e acolhia com entusiasmo a ideia de tornar-se sua esposa.

E que quando chegava a tão feio conclusão que Dorothy talvez já não existisse naquelle momento.

Charles Read acordou-se bastante tarde no escritório de Stone, Brothers. O pessoal já tinha saído. Acolheu-o o continuo com grandes manifestações de alegria por tornar a vê-lo naquelle casa, onde parece que já não tinha amigos, pois a maioria mais tivera lembrança de fazer-lhes uma visita.

O acolhimento amável do empregado desanuvera um pouco o espirito do «detective», que se sentiu muito asombroso ao verificar que o assistente uma vaga nostalgia do tempo que alli vivera obscuro, ignorado dos jornais que publicavam agora o seu nome em caracteres bem negros e grossos, a sonhar ruminativamente vigiens de recreio pelo velho Europa.

Ao passar, relançou um olhar pela sala de expediente que se encontrava precisamente com a mesma disposição. Lá estava a secretária do chefe do pessoal, mais arredada, como o tinhamo e as canetas muito alinhadas, a régua posta em simetria sobre uma larga folha de mata-borrão, muito limpa. E além, comovidamente, reparou na sua banca, à qual passara longas horas de devaneio, ao lado da mesa pequena da dactilógrafa. Aquelles lugares vagos, o silêncio e a penumbra em que mergulhava a sala, irradiavam uma tristeza tão penetrante, que Charles teve que fazer um grande esforço para disfarçar o seu comocio.

Tirou-o de apuros a presença de «miss» Jack Stone, que veio ao seu encontro, sorridente, e de muito estendido. Que longe ia já o tempo da sua carreira severa de patrão! Estava ali, de igual para igual, ou mesmo de inferior para superior, o que de certo modo confanção o «detective» e o fazia pensar bastante mal da mesquinha humanidade.

—Entre, entre, seu ingratão!—dizia Stone, batendo-lhe no ombro palmodinas de censura amável.— Nunca mais se lembrou dos amigos que deixou



— Já encontrou alguma pista? —

vítima da sua própria loucura, do que de um rapto. Que interesse podia haver em raptar um jovem que não tinha familia abastada capaz de pagar uma quantia avultada pelo seu resgate?

No entanto, Charles Read lembrava-se de John King, o que parece velho amigo daquela modesta familia, de pago de seu bolso algumas investigações e de ter até oferecido uma importância tentadora pelo seu resgate. Mas todas as tentativas feitas para encontrar Judy resultaram inéptas, e no escritório era voz corrente de que elle não teria sido raptado; teria muito simplesmente fugido com algum amante para fora dos Estados Unidos. A própria polícia chegara a essa suposição, dados os antecedentes de levanidade que não fora muito difficil apontar. O caso foi esquecendo, e então, as facul-

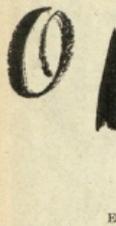
ta voltara àquelle escritório, cujo ambiente elle antipático. E, muito embora ás vezes sentisse uma tentação de ir esperar a dactilógrafa à saída, só para ter o gosto de a ver, nunca se atrevia. A sua timidez ainda não se dissipara totalmente, a pesar-da vida mais desenvolva que levava. E receava que Dorothy pensasse que elle a procurava como qualquer namorado. Talvez não fosse absolutamente desagradado a linda rapariga a perspectiva de um «flirt» bem intencionado. Read hesitava mesmo em qualificar o sentimento que ella guardava a seu respeito. Talvez ella o amasse. E, porém, não tinha o certeza, nem a mesma segurança de interrogar o seu próprio coração.

Pela profunda impressão que o noticia do seu desaparecimento lhe causara é que Charles Read principiava a medir, ainda recesso de confessar a ver-



NA GUERRA, NEM SEMPRE DOMINA A CRUELDADE. O homem põe, às vezes, a água ao seu desafortunado destino. E sofre perante a desgraça alheia, abandonando a vida. Esta é o caso que a impressionante foto reproduzida nesta página nos documenta. Um tripulante dum barco mercante torpedeado debete-se aos vagues até que as forças lhe faltaram. Coberto o corpo de óleo, enegrecido, imobilizado, foi salvo por marinheiros italianos quando a vida principiava a extinguir-se.

Canorama Internacional



REMANECIMOS na zona cinzenta do abraço e contencimentos. Factos dispersos, como écos que não indiciam efeitos da guerra no som. Sinis e sintomas de tempestades. Nas reatraguardas uma inquietude e resacas dos povos espinhados, que se avolumam. Nas altas esferas da governação dos Estados, a convicção de que já não é possível prolongar a guerra por incidências ou acções laterais. O desgaste das economias nacionais dos países beligerantes aprofunda-se numa erosião assustadora. O bloco económico pan-americano consolida-se praticando mais do que nunca a doutrina de Monroe de que as riquezas e os recursos mobilizáveis da América são para a América. A medida que o bloco se amplia e estreita contra os países do Eixo a situação em *sandwich* dos raros povos que a guerra não arrastou, ressoa sobre a estagnação. Os mercados de produtos e matérias-primas. O comércio internacional, salvo nas linhas de abastecimento dos Aliados, tende para a estagnação. Os planos económicos futuros e imediatos visam a procurar solução e brechas respiratórias a uma situação que oprime e sufoca.

OS DIAS DE SINGAPURA

Neste apanhado resumo de circunstâncias, retroa a entrada por assalto, das divisões japonesas do general Yamashita em Singapura na manhã de 11. Nesse mesmo dia, a Nova York informavam que o general Percival falhou sobretudo aviação. A batalha prosseguia, mas, a despeito da parte oriental da ilha ser a mais fortificada, reputava-se impossível conseguir expellir dela os invasores, previsto que aliás não excede a do *Times* há quinze dias e a de Churchill ao prevenir a Câmara dos Comuns de que más novas ainda más haveriam de chegar do Oriente.

A agência francesa, de Saigão, explica os desígnios japoneses na seguinte forma seguinte: «As esferas militares são de opinião que, depois da queda de Singapura, o esforço nipónico se concentrará sobre Rangoon e sobre a estrada de Birmânia, para serem cortadas à China as comunicações com os países aliados. Por outro lado, a queda de Singapura facilitará o ataque às Índias Holandesas e, eventualmente, à Austrália».

O plano de Tóquio é, portanto, conduzido a desfazer o núcleo principal do bloco dos Aliados no Pacífico. O ataque a Singapura,

conjugado à ocupação de Bornéu, abre o assalto ao bloco holandês da Malásia, a cujo governo em Batavia o governo japonês, por isso mesmo, ofereceu a paz separada, em troca dos abastecimentos de combustíveis líquidos, de certo como manobra para evitar as sérias destruições que sistematicamente estão sendo feitas dos jazigos petrolíferos, antes dos assaltos e desembarques no arquipélago, porque é este um dos processos mais usados pelo Japão.

De Melbourne dizem que a queda de Singapura não representa a decisão da batalha do Pacífico, mas é verdade que apenas pode manter-se este ponto de vista se os Aliados puderem ainda resistir, contra a febrilidade dos invasores, nos esparsos pontos de apoio que lhes restam, até que na Birmânia e na China se erga a grande frente da ofensiva a desencadear, sob a protecção dos fornecimentos da indústria de guerra norte-americana.

Há de contar-se, porém, com que o Japão, perante o inevitável e já averiguado estado das suas reservas de combustíveis e as graves perdas da sua esquadra e da sua aviação, cuja falta há-de sentir dentro de meses, ludo intentar para que, contra o tempo, tome posições de ximo de sólidas posições que lhe deem ascendente imediato sobre os seus inimigos e bases onde, mesmo isoladamente, possa resistir no futuro desenvolvimento da guerra, quando for obrigado a defender o arquipélago metropolitano. Para isso tem dois reservatórios de primeira ordem: — o que lhe dá com crescente hostilidade à Inglaterra o almirante Decoux na Indo-China, tornada teóricamente de serventia nipónica sob o manto da soberania francesa; e o que lhe fornece o Siao em tropas mobilizadas e prontos sob o comando único japonês.

O ataque à Birmânia aparece, pois, a seguir ao de Singapura e já assim a significar a ocupação de Martaban, após a passagem do Siao em primeira linha das necessidades más instantes. Porque é na Birmânia e na China e no mar e no Pacífico que a batalha em última análise tem de ser ganha ou perdida e não em qualquer outro ponto.

UM ACONTECIMENTO HISTÓRICO

Ninguém pode duvidar de que os ingleses honraram as suas armas em Singapura como honraram em Dunkerque, em Creta e em Tebruk. E o pior que poderia suceder ao invasor, seria que um foco de resistência tão vigorosa como a de Mac-Artur nas Filipinas ali se constituisse. Com os restantes que touco a pouco se aglomeram, na Ilha e na Austrália — notam-se a chegada ao Dominio de vanuatu-


da esquadra americana a proteger combates e tomar posições, os abastecimentos à Índia e à China a intensificarem-se da América e um afan de lódas as horas e assás significativo em Hawai, donde o ni-pião já nem sequer se aproxima, *ex profra cause* — formaria razoável vespeiro para devorar forças inimigas por meses e meses como lhes aconteceu e acontece infelizmente no arquipélago.

O erro na apreciação destes acontecimentos do Oriente está tanto em acreditar-se em que a batalha já vai em meio ou a caminho do fim, quando, pela sua duração, começa a entrar na fase prevista há cerca de um mês por Wavell, como em supor-se que os Aliados estão a dormir ou podem, devido ao retardamento dos Estados Unidos, fazer mais do que fazem e do que nas mesmas condições outros poderiam fazer, visto que, sob o ponto de vista do Conselho do Pacífico, a situação não pode modificar-se no novo plano de defesa.

Quando a *Qlf* esfrega as mãos a respeito dos acontecimentos empostamente datado de Londres (1), uma crise ministerial britânica a propósito de Singapura, vta em espaços síderos, sem se recordar do último dia de guerra, pois ca acontecimento de extraordinário valor histórico que acaba de realizar-se no Oriente: — a visita de Chan-Kai-Shek à Índia e a presença de Delhi entre o generalissimo Wavell e o vice-rei, lord Linlithgow. O grande chefe da China veio tratar-se de um esforço conjunto contra o agressor, pois ca extensão da guerra para o sul do Pacífico trouxe a invasão da Índia para o campo das realidades possíveis. A intervenção de Chan-Kai-Shek foi mesmo más além das planificações. Demonstram-no-lhe as suas Conferências com o chefe indú Jawaharl Nehru, sucessor de Gandhi, que pede a autonomia da Índia como condição para o seu esforço de guerra. Isto, porém, para quem conhece a política indú, não constitui senão, um aspecto lateral da questão. Nehru está longe de ter outras de si a opinião geral. Mais, muito más importante é que, no sulco da obra genral de Wavell, organizando lá a defesa, coordenando o labor industrial de guerra e levantando exércitos que, tal como na outra guerra, já mostraram o que valem, o espírito nacional da Índia vai ganhar diante do invasor e do inimigo insuspeitado, ao que a Inglaterra se antecipadamente lugar a um representante do país no Conselho do Pacífico, definitivamente instalado em Londres, e não em Washington, preparando uma nova estrutura constitucional. Com a China reerguida, a Índia formará amanhã um bloco político que dominará todo o Oriente e diante do qual o Japão se preparará a sofrer condições de ordem industrial esmagadoras. Foi o que o partido militar de Tóquio não viu, por muito que os chefes do exército venham declarar à Câmara dos Re-

presentantes, copiando mal certos slogans ou dividas germânicas que o Oceano Indico vai ser o ponto de apoio do Eixo depois de a queda para eles infalível de Suer e de Gibraltar arrancar o Mediterrâneo ao iridente inglês. E soprando já laboradas de orgulho ditam que então se verificará o desabamento do império britânico e o problema da invasão da Inglaterra deixará de ter qualquer interesse. O excesso destas palavras que audaciosamente subalternizam o génio militar alemão aos tenentes-gerais de Tóquio, mostra assazmente um delirio precipitado. As grandes forças do Oriente não estão em Tóquio. Estão na China e na Índia. Os velhos e sensatos políticos nipónicos têm razão: os bons clientes não se fuzilam. É o contacto inglês com a nova China que garantirá a permanência da Europa no Extremo Oriente contra o xintismo selvagem do militarismo nipónico que não escoutou as inteligentíssimas advertências dos maiores estadistas do seu país, na hora da aventura audazíssima de invadir os territórios chineses, imaginando que as mercaderias se colocam à força de baionetas.

RES NON VERBA



O trabalho de coordenação do Conselho do Pacífico, a medida que cresce o perigo. Uma nova e importante a lição de comandos acaba de verificar-se no Oriente. Wavell — assim o decidiu no dia 11 o Conselho do Pacífico — toma a condução integral da guerra em suas mãos, e com a demissão voluntária do almirante norte-americano Hart, que há-de andar prôba à evolução dos acontecimentos dentro da América, o comando das esquadras aliadas passou para o almirante holandês Helrich, desmontando-se portanto o plano de nomeações que a Secretaria de Marinha anunciara no dia 8, segundo o qual eram divididos os comandos da defesa da Austrália e do Sudoeste do Pacífico.

Outro facto de coordenação é a criação do Ministério da Produção de Guerra, entregue a Lord Beaverbrook, com poderes latíssimos que abrangem não só os aspectos internos dos países aliados, a fixação da capacidade produtora das indústrias e a distribuição de matérias primas, mas as próprias negociações e combinações com a produção norte-americana.

A par deste novo alto-comando, aparece a representação dos Dominios no Gabinete de Guerra, já anunciada e por Churchill a Camuns nos primeiros dias deste mês, com diretos de consulta e de dar opinião. Há apenas uma dife-

(Continua na pag. 12)



Vida PORTU GUESA

OS GRADUADOS DA SOCIEDADE PORTUGUESA visitaram recentemente as instalações do grande Estádio Nacional, cujas obras se encontram já virtualmente concluídas na formosa região do Vale de Jamor. Em cima, os filhotes da «M. P.» admirando, da tribuna, o majestoso campo olímpico. À direita, uma volta pelas bancadas, vendo-se, ao fundo, um magnífico aspecto dos lugares do Estádio.



DOIS ASPECTOS DA CHEGADA A LISBOA DO SR. DR. OLIVEIRA SALAZAR APÓS A SUA VIAGEM A SEVILHA e as suas entrevistas com o generalíssimo Franco e o ministro Serrano Suñer. As fotos, tiradas a bordo do barco em que atravessou o Tejo, mostra-nos o sr. Presidente do Conselho com os srs. D. Nicolau Franco e dr. Pedro Teotónio Pereira, respectivamente embaixador de Espanha em Lisboa e de Portugal em Madrid.

PANOGRAMA INTERNACIONAL

(continuação da pág. nove) por FRANCISCO VELLOSO

rença digna de nota: o Canadá e a África do Sul concordaram mas, confiantes, não desejam mandar representantes aos trabalhos do Gabinete, onde aliás já se assentam os da Nova Zelândia e da Austrália, e o presidente desta, Curtin, apresentando talvez os efeitos das saudáveis declarações de Churchill, acudiu a dar explicações do seu excesso verbal anterior, reafirmando o haver unidade entre o povo da Austrália e da Grã Bretanha, afirmação oportuna quando Londres retoma a direcção das operações e relembra que até hoje 71,3 por cento das baixas, mortos, feridos, desaparecidos e prisioneiros são constituídos pelas tropas do Reino Unido, 18,2 por cento pelas tropas dos Dominios, 5,5 por cento pelo exército indiano (incluindo muitos oficiais e soldados do Reino Unido) e 3,1 por cento de tropas coloniais; e que mais dum terço do total das tropas que lutaram na Grécia, em Creta e na Síria provinham do Reino Unido, e que mais de metade das forças que estão a tomar parte na campanha da Líbia são originárias do Reino Unido.

Estes números devem também explicar *le coup raté* do protesto do *leader* irlandês De Valera contra o desembarque de contingentes norte americanos no Estado Livre da Irlanda do Norte, acto já inconsequente que dois dias antes era o próprio chefe da Irlanda que apelava para a preparação de um corpo de 250.000 homens enfesando que a líbia estava ameaçada cada vez mais de uma agressão, embora não reconhecesse ainda que nesse caso terá de ir bater à porta de Churchill.

São de acrescentar a estes factos os que ocorrem na América. Sumner Welles ao regressar do Rio não se esqueceu para verberar as atitudes da Argentina e do Chile que podem causar sérias dificuldades ao hemisfério inteiro como portas falsas a ingerências alemãs e italianas. No entanto a conjunção das potências é evidente. O Uruguai transformou-se numa base inglesa e americana de alto preço no Atlântico Sul às esquadras que escumam os mares, e esta galharda altitude, a vitória eleitoral de um liberal, Juan Rios, para a presidência chilena, e as conferências de Sousa Costa em Washington consolidando a união do Brasil aos Estados Unidos e a adesão de 19 repúblicas a uma unidade monetária durante a guerra, mostram como por toda parte o bloco americano não é mero

certa-ç de um congresso que se dispersou...

NA PERIFERIA



TODT

Passam em tórn- dos déstes acontecimentos mais notáveis, outros que, embora de menor valia, são de haver em linha de conta neste transcurso evolutivo da situação internacional. A frente de todos, a preparação alemã para os prometidos golpes na primavera. Informações e rumores chegam acrícia de lá, de todos os lados, e todos confluem a que Hitler tem por fito supremo liquidar o exército russo e a que a sua ofensiva visivelmente perturba todos os planos alemães e está a devorar generais como Reichenau e engenheiros criadores da altíssima estatura do dr. Todt que acaba de desaparecer e também num desastre de aviação. Forças e forças estão sendo lançadas para a bargagem de leste contra a ofensiva russa, em contra-ataques que se fundem na fôrnalha. Os mesmos informes relatam que o *Führer* ordena uma mobilização de todos e de tudo contra os russos dentro do país e fora dele, onde está buscando recursos de gente e alimentares, entre estes os que mais forçaram agora os raciocinamentos italianos em produtos essenciais como a carne. O crítico militar do *Times* põe estas três hipóteses:

«Uma tal campanha poderia ser conduzida de três maneiras: ofensiva geral com o objectivo de pulverizar os exércitos russos—mas não há esperanças de destruir a produção militar russa, devido à retirada dumma grande parte dela para outras áreas e à mobilidade e elasticidade do resto; uma ofensiva efectuada pelo flanco direito, talvez prolongada para infiltrar a Turquia, com o objectivo de atingir o Cáucaso e dali desenvolver outra ofensiva contra os posições britânicas no Levante; e defensiva estratégica na Rússia, conjugada com ofensiva fâctica, usando os espaços russos e polacos como amortecedores para absorver os choques do exército russo.»

Propende no entanto, o mesmo crítico para a probabilidade da primeira e da segunda hipóteses. Depois da campanha russa, a da Cirenaica também anuncia recu-

decimentos. Aqui, porém, o caso mais actual foi a revelação (que aliás, pelo menos para nós, não o podia ser) de que Rommel recebeu reforços através da África do Norte francesa, especialmente pela Tunísia, sob o governo de Vichy. Berlim e Boma apressaram-se a desmentir. Mas Londres e Washington no dia 10 insistiam e já concretizavam a natureza dos abastecimentos: automóveis, camiónes, trigo, vinho, azeite, e, é claro, o resto. Ao almirante Leahy foi mandado proceder a inquirições, acto que nos parece platónico porque é êle quem fica mal colo-

cado no meio disto por insuficiência de acção. O Foreign Office protestou. Están que andava com sua espada por Espanha, leve de vir a Vichy. De Gaulle deve sorrir multo- ciosamente em Londres, recordando a parábola do peço que é áquêle que não quer ver, e o da- divozo gesto com que o almirante Decoux entregou aos seus amigos japoneses os navios mercantes e de guerra franceses surtos nas águas territoriais e portos da Indochina, um dos quais, o «Almirante Joffre», fugiu a tempo com tropas que foram juntar-se, como gauleistas, aos soldados de Mac Arthur... As longinquo- dades continuam a pagar se- caras. A questão da Martinica, por exemplo, ainda não foi devidamente encareada pelos Estados Unidos. E a reorganização do exército francês sob a fiscalização alemã também não o foi por Londres. Uma informação de Washington no dia 5 sobre as coisas do norte de África rezava assim:

«Estes acontecimentos e o saber-se que há algum tempo se têm realizado conversações políticas entre a França, a Itália e a Espanha, forçam a um estudo profundo da posição da África do Norte francesa. Enquanto Weyand foi comandante-chefe, eram estritamente observadas as disposições que regulavam o contacto entre os franceses e os alemães. Mas isto já agora não se observa no mesmo grau. O acórdo de trocas comerciais entre a América e o norte de África foi suspenso depois da demissão de Weyand, mas a semana passada dois navios franceses—o «De Be» e o «Aledarban»— carregados com produtos agrícolas e medicamentos, partiram de Casa Blanca para os Estados Unidos. Estas relações poderão muito em breve ser sujeitas a uma revisão.»

Foi nesta emergência que rebentou a explosão de Tânger, atribuída a um «atenção britânica» e evidentemente seguida de manifestações contra a Inglaterra. *Cosé* no mundo. E as conversações entre Vichy e Madrid continuam, quando as sabotagens e atentados recommençam em França, e na Noruega, e em Espanha se fala de uma restauração monárquica como solução à crise política interna, o que provocou da Falange, primeira vítima dela, a declaração de que o rei teria de ser quem êla quisesse e vir quando êla mandasse... Resta saber se estão todos de acórdo. E talvez não estejam.

- 9 1312.

MEDICINAL
DATA **COUTO**

TRATA
gengivas descaídas
ou sangrentas

EVITA
estomatites mercuriais
ou birmuticas

MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves

Couto, Lda Porto



SOLDADOS DE LIGAÇÃO do exército romeno que opera no sector sul da frente oriental circulando sobre planícies de neve.



MATERIAL DE GUERRA SOVIETICO capturado pelo exército romeno na reconquista do pórtio de Feodosia.

VARIÉDADES PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 13

Solução do problema n.º 12



HORIZONTAIS: 1 — Raças; Taças. 2 — Orate; Arame. 3 — Dinar; Optar. 4 — Adir; Arda. 5 — Rol; Evo. 7 — Péis. Anã. 8 — Edaz; Aros. 9 — Tunir; Alais. 10 — Atará; Raiva. 11 — Saras; Ossos.

VERTICAIS: 1 — Rodar; Pétas. 2 — Arado; Edita. 3 — Canil; Sanar. 4 — Atar; Xira. 5 — Ser; Rês. 7 — Tão; Aro. 8 — Arpa; Alas. 9 — Cetre; Arais. 10 — Amado; Noivo. 11 — Serão; Assás.

**PROLONGUE OS 18 ANOS
ATÉ OS 50**



CREME D'ARGY
Crema nutritiva e eficaz para o cabelo

HORIZONTAIS: 1 — Julga. 2 — Cábula. 3 — A pelúcia que reveste as castanhas ainda verdes e tenazes. 4 — Imbecil. 5 — Valor; Túnica. 6 — Epi-dermo; Ovario dos peixes. 7 — Chouriço; Fosca. 8 — Inchar; Feio. 9 — Grã-da; Fiada. 10 — Também; Planta labiada, espécie de genípi. 11 — Palerma. 12 — Pedante. 13 — Estacada. 14 — Bêrço.

VERTICAIS: 1 — Ocasão; Género de árvores silvestres, leguminosas, de boa madeira para vários usos. 2 — Cabelo branco; Moeda de dez réis. 3 — Casa; Ok. 4 — Pessoa barriguda. 5 — Fechada. 6 — Planta leguminosa. 7 — Merenda. 8 — Tecido; Alimento. 9 — Estalajadeiro; Seis estirgas de linho. 10 — Naquele lugar; Nome de mulher. 11 — Péto. 12 — Imprudente. 13 — Negro. 14 — Cont. de prep. e artigo.

LOBOS DA SERRA UM NOVO FILME PORTUGUES



«Lobos da Serra», o novo filme de Jorge Brun do Canto, o primeiro que a Tobis produz, após «João Ratão», estreia-se, na próxima segunda-feira, simultaneamente, nos cinemas Tivoli, de Lisboa, e São João Cine, do Porto. A categoria dos filmes que o apresentam: os cuidados que o Tobis pôs na produção; e o talento do realizador — garantem, só por si, a categoria artística e o valor espectacular do filme que vamos ver, na próxima semana. Justifica-se, deste modo, a ansiedade do público, que aguarda «Lobos da Serra» com uma curiosidade compreensível. A gravura mostra-nos Maria Domingas e António de Sousa, os protagonistas, numa cena de amor daquele filme.



A venda em dos números mais interessantes do revista que todo o mundo lê

Neste número: O mundo em guerra — Solidariedade? — Assalto com tanques e infantaria — Uma novela por Hanna Kiel — Campanetas entre países europeus — Assuntos portugueses.

48 páginas magnificamente ilustradas e elaboradas

Edição em língua portuguesa

Exemplar: 2 ESCUDOS

Distribuidores: **Agência Internacional**

Rua de S. Nicolau, 119, 2.ª — LISBOA

ESCUTAI ROMA!

(Centro Rádio Imperial da «EIAR»)

NOVO HORARIO
NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Posição	Ondas		Horas de Portugal
2 RO 4	m. 25.40	(KCS 11810)	7.50
2 RO 6	m. 19.61	(KCS 15300)	"
2 RO 17	m. 15.31	(KCS 19590)	11.00
2 RO 6	m. 19.61	(KCS 15300)	15.30
2 RO 4	m. 25.40	(KCS 11810)	20.10
2 RO 15	m. 25.51	(KCS 11760)	"
2 RO 3	m. 31.15	(KCS 9630)	"
2 RO 11	m. 41.55	(KCS 7220)	"
Ondas médias	m. 221.1	(KCS 1357)	20.10
2 RO 4	m. 263.2	(KCS 1140)	"
2 RO 4	m. 25.40	(KCS 11810)	22.10
2 RO 15	m. 25.51	(KCS 11760)	"
2 RO 3	m. 31.15	(KCS 9630)	"
2 RO 11	m. 41.55	(KCS 7220)	"
2 RO 6	m. 19.61	(KCS 15300)	"
2 RO 18	m. 30.74	(KCS 9760)	23.00
2 RO 6	m. 19.61	(KCS 15300)	"
2 RO 4	m. 25.40	(KCS 11810)	"

COMUNICADOS DO QUARTEL GENERAL ITALIANO
EM LINGUA PORTUGUESA

2 RO 17 m. 15.31 (KCS 19590) das 11.15 até 11.25

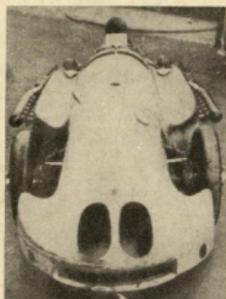
NOTA: Aos domingos, de 20.20 horas, e às quartas-feiras, de 20.10 horas, serão radiodifundidas palestras em língua portuguesa.

Em M. 25.70 (KCS. 11695) e 30.52 (KCS 9830)

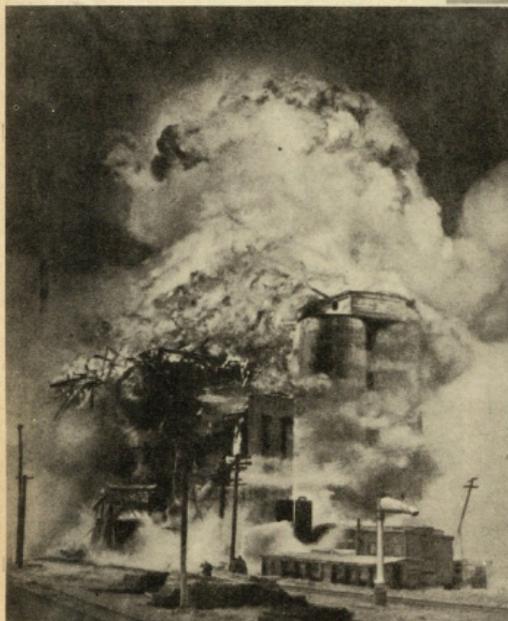


UM BARCO ATRAVÉS DO QUAL SE PODE VER O MAR — Eis o modelo duma nova e estranha embarcação, invento dum industrial americano. O barco é feito de lúcite e, além de ser transparente, tem as seguintes vantagens: é muito leve, pode adquirir maior velocidade que os outros de madeira e é mais barato.

Imagens pitorescas do MUNDO



O AUTOMÓVEL E O BICHO — Estas duas fotos mostram-nos a extraordinária semelhança que existe entre um moderno automóvel de corrida e um hipopótamo — semelhança de aspecto exterior e à primeira vista, é claro... O carro pertence a Eyston, o campeão inglês que foi campeão do Mundo e chegou a ser o homem mais veloz sobre a terra.



BOMBARDEAMENTO AÉREO? — Aqui está uma foto que engana. Não se trata dum bombardeamento, nem sequer duma dessas muitas cenas de guerra, agora tão vulgares nas páginas das revistas. É um aspecto dum extraordinário incêndio que destruiu uma fábrica americana.



GINÁSTICA NA CAMA... — Este senhor, o prof. Harmon F. Hamble, de Nova York, descobriu estas coisas espantosas: que os colchões de arame eram magníficos para exercícios ginásticos. E demonstra-o na sua cama, como se prova pelo documento junto... Terá este professor quaisquer interesses nalguma fábrica de colchões?



O heroico defensor das Filipinas

Vida
MUNDIAL
e Instrução

O GENERAL DOUGLAS MAC ARTHUR, comandante-chefe das forças armadas americanas em operações nas ilhas Filipinas, que tem dirigido a mais violenta resistência até agora oposta às tropas japonesas em qualquer sector da Pacifico, mereceu do general Wavell, encarregado pelas ordens da defesa da região, os melhores elogios. Tem 62 anos e é, desde julho de 1926, comandante das forças norte-americanas. Em 1935, foi, a pedido do Presidente Querson, incumbido de reorganizar o exército filipino, ficando depois ali como comandante, a continuar a tradição de seu pai, o general Arthur Mac Arthur, herói de 1902.

a guerra russo-japonesa de 1904-1905

por S. Schmulévitz

escudado cal cêere sobre S. Petersburgo, neste frígido dia 8 de Fevereiro de 1904. Uma noite estrelada estende-se sobre a capital da Santa Rússia. O Neva e os canais dormem de baixo do gelo. Os flores de neve caem triste e incessantemente, numa monotonia infinito, cobrindo a cidade com um manto branco, opaco e lamacento. Da primeira colina de S. Isaac, rezam três badalados. Os ecosos transeúntes que a esta hora atravessam a perspectiva de Newsky, observam, com um pouco de estorpeção, o Almirantado. Anjinhos frontais do majestoso edificio estão tôdas iluminadas a estas horas. Observando-se através delas, veem-se vultos obscuros que ora aparecem, ora desaparecem, funcionários e ordenanças que passam nos seus corredores, e que resplandecem ao luar. Subitamente, um oficial de marinha sai do portão principal, através as portas a correr, sob os degraus do Palácio de Inverno, é introduzido nos aposentos do Czar Izar, a cortinella, estende um envelope branco ao Imperador, que se encontra rodeado por vários oficiais superiores, estudando atentamente vários mapas.

«Um despacho urgente do Almirantado para Vossa Magestade.» Nicolau recebe o envelope, e, enquanto a assistência detém a respiração, abre-o rapidamente. Lê, e a testa enrugase. No primeiro parágrafo que lê, ouem, caem como marteladas as palavras fatais do Imperador:

«Torpedeiros japoneses acotermeteram esta noite a nossa esquadra de Pôrto-Artur. Três dos nossos meliores cruzadores foram seriamente avariados, encontrando-se fora do combate.»

A calma que prosegue por alguns momentos, é interrompida bruscamente por um dos oficiais, que declara visivelmente emocionado: «E a guerra!»

Efectivamente, era o guerra.

Embora já possassem três dias sobre o rompimento das relações entre as duas potências, os russos foram colhidos completamente de surpresa. Os japoneses, fartos de negociações intermináveis sobre a preponderância no Extremo-Oriente e tendo como guarda-costas os seus aliados britânicos, haviam-se decidido a falar pela boca do canhão.

No dia seguinte ao rompimento das hostilidades, são atacados e afundados Chermula e o cruzador russo «Kureta» e a canhoneira «Koreita». Ao mesmo tempo que se desenvolve a actividade naval, 150.000 japoneses, sob o comando de Kuroki, desembarcam no Caore e occupam este porto sem a menor resistência, aproximando-se, em escaarmas sucessivas, da fronteira da Manchúria, constituída pelo lago.

Nas margens deste rio, os japoneses desembarcam pela primeira vez, os russos, em 1 de Maio. Esta vitória fornece aos nipões ensejo de dividirem as suas tropas em dois troços, o primeiro das hiattai, composto por 280.000 homens hiattai, composto dos generais Kuroki, Nodzu e Nagi, toma por objectivo Niú-Chang, na Manchúria, enquanto os 160.000 homens de Oku se dirigem para Pôrto-Artur.

Em 27 de Maio, as fortificações avançadas do importante base naval coem nas mãos dos japoneses. Isto significa o início dum dos céreos mais sangrentos da história militar. O fim e as atrocidades têm em mira é «engarrifar» a esquadra russa ao estacionado. E, ao que pa-

rece, a sorte não favorece a marinha do Czar. De regresso dumã saída infeliz, o couraçado «Petropavlovsk» e o almirante Makharov a bordo, embate numa mina e vai pelos aires, perecendo quasi tôda a tripulação.

Mas, entretanto, a situação dos russos em terra também se agrava cada vez mais.

Em 15 de Junho, os moscovitos, sob o comando de Stakelberg, acotermem o combate em Va-Fân-Gu, affirm de evitar a pressão sobre Pôrto-Artur e aliviar a junção dos exércitos de Kuroki e Oku. As 4 horas da tarde, os russos principiam a retirada sobre Semúitchen, que prossegue até ao dia 17.

Acto continuo, Stakelberg trata de unir o seu exercito ao grosso das forças



do generalissimo Kurapatine. No dia 20, está effectuado o recuo sobre Kai-Ping. Successivamente, todo o norte da provincia de Liou-Tung é occupado pelas tropas de Mushiuto. Os russos effectuam movimentos de retirada em tôda a frente. Pôrto-Artur está cercada desde Dalny e Kin-Tché. Mas, Kurapatine, em Mukden, sabe o que faz. Os seus effectivos são precarios, e os reforços chegam com a velocidade dum caracol por uma canchada linha férrea. Kurapatine, retira, retire sempre, eis a sua tactica neste camparinho. Só deixa os nipões, para elles morderem, a sua retaguarda, nada mais. Ele não se desista. Espera, espera sempre ser o mais forte. Não é em vão que em todo o exercito russo o commandante em chefe é conhecido pelo alcunha de «General Paciência».

Em 26 de Agosto, finalmente, principia a batalha de Liou-Yang, o primeiro combate de grande envergadura, e um dos mais sangrentos de tôda a guerra. 150.000 russos defrontam 180.000 japoneses commandados pelo Marechal Oyama. Este pretende infligir um duplo envolvimento das alas inimigas, affirm-de curvar Kurapatine para fora do commando de ferro de Mukden; obrigando-depois a refugiar-se em território chinês. A batalha prossegue durante vários dias com indúbita violência. Os japoneses marcam alguns ganhos de terreno, mas no madrugada do dia 2 de Setembro, os russos tomam a offensiva contra o exercito de Kuroki. Já a vitória parece estar nas mãos dos japoneses, quando um impensado membro do corpo de exercito do general Orlov compromete

tudo. Tomando uma iniciativa que não lhe é ordenado, este general avança para a nova frente deparando ai com forças muito numerosas que o envolvem. Logo apenas, com o auxilio das tropas de Stakelberg, liberta a cabeça do lago. Mas a mudança imprevista de posições provoca a desorganização do exercito russo. O caminho para o inimigo está desimpedido. É a general Orlov, antigo professor de tactica na Escola Superior de Guerra de S. Petersburgo, quem origina o malogro dos planos de Kurapatine. Este manda evacuar Liou-Yang. Retira. Cerca de 25.000 baixas custa a operação aos nipões. Mas «Kurapatine prova que é um estrategista habilissimo, porque a arte de efectuar uma retirada, não é parte menos essencial da ciência militar, do que a arte de avançar» — commento o correspondente do «Times».

O dia 10 de Agosto marca uma data negra nos annos da marinha do Czar. Na madrugada desse dia, o esquadra de Pôrto-Artur tenta um raid com objectivo de furtiva bloquear a canchada Toça. Os navios russos pretendem tomar o rumo de Vladivostok. Os japoneses observam atentamente as suas manobras. Detexam-nos, tranquillamente, sem do barulho. No instante do salto, porém, 6 couraçados, 11 cruzadores e 30 torpedeiros japoneses precipitam-se, qual aves de rapina, sobre o esquadra do almirante Vihortz. Este é ferido e cai durante o combate que se segue. O principe Ouchtomski que toma o commando da esquadra não está em condições de cheirar. Concebe a infeliz ideia de ordenar o regresso ao porto, ao cair da noite. A faciente custa, além de vários cruzadores e torpedeiros, 4 couraçados aos russos. Como se vê, os torpedeiros japoneses executaram obra limpa... Para mais, é torpedeado no noite 23 de Junho o couraçado «Arerietz» e o couraçador de Pôrto-Artur. Não, a sorte não lhes sorri, aos russos...

Em seguida a esta batalha, dôse um incidente diplomatico porque forças navias japonesas penetraram no porto de Che-Fu, afundando um torpedeiro russo desarmado, do qual se houve refugio ao obrigo da neutralidade chinesa. Os japoneses defendem-se com o argumento de que tôdos as acções militares, entre a Rússia e elle, se desenvolvem em territorio que pertence juridicamente á China, deduzindo-se daí a inefficácia da neutralidade daquelle país...

Durante tôdas estas operações, dolorosas para o boteio japonês e sair para o alto mar, logrando, em 15 de Junho, afundar três transportes inimigos, com 5.000 homens a bordo, e capturar o meter a pique vários outros, até que o almirante Togo, resolve fazer os russos um combate em forma, no estreito do Caore... Mas, o almirante Berobroz, reconhecendo, no momento decisivo, que enfrenta effectivos japoneses muito superiores, resolve retirar os russos, permitindo ainda dois navios nipônicos no fundo.

Em 5 de Julho, o cruzador japonês «Kaimon» esbarra contra uma mina russa e afundase-se.

Depois, a situação transforma-se. Em 14 de Agosto, os cruzadores «Rússia», «Grono» e «Rurik», sob o commando do almirante Jesso, decidem a levantar o bloqueio de Vladivostok para se juntar á esquadra de Pôrto-Artur, encontram uma esquadra nipônica, de 4 couraçados e 3 cruzadores ao cargo de Kuroki. Jesso, em virtude de desorganização das forças, opta pela retirada. Ka-

rimura, a adversária corta-lha. O «Rurik», immobilizado, atende a uma avaria no leme, é o primeiro a ser afundado. Os dois restantes vasos de guerra russos logram embora seriamente danificados voltar a cobrir a cabeça dos canhões dos russos tem sofrido perdas irreparáveis: Tôda a sua frota consiste em 5 couraçados, 5 cruzadores e alguns navios de menor tonelagem, que enfrentam a superioridade horrosa de 15 couraçados, 12 cruzadores, sem falar nos torpedeiros e navios auxiliares.

Entretanto, a situação em terra, piora para os russos. Os siliantes operam sistematicamente o cinto de ferro e fogo em redor de Pôrto-Artur. Durante dois meses, a valente divisão do general Fock consegue deter a avalanche nipônica. De 25 de Julho a 14 de Agosto, os amarelos castilhos com redobrada violência, e perdem 10.000 homens. Em principios do mesmo mês, o general Nagi manda effectuar ao general Stoessel, alme da resistencia da praça, que se abate a batalha honrosa, proseguindo os combates com extrema violência e intensidade.

Com verdadeiro fanatismo e fatalismo oriental, os amarelos mordem cada palmo de terreno, defendido até á última pelos russos. Os combatentes deixam de obedecer das leis de humanidade (se é que na guerra se pode falar de lei) para se transformar em bestas, e os russos são obrigados a tapar os narinas constantemente com uma rilha de cânfora.

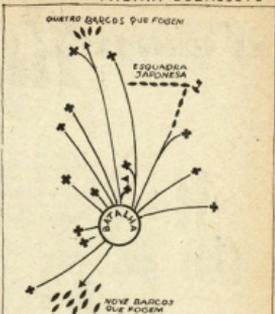
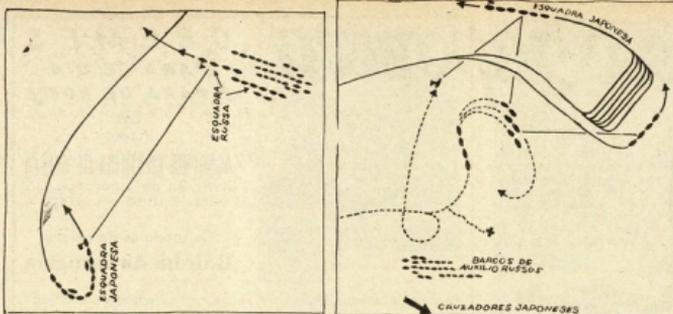
No alvorada de 19 de Setembro, as tropas do Mikado voltam novamente á carga, a artilharia despeja um papel preponderante neste morticínio, que se prolonga durante três meses com incessante furor, acabando com a queda de navas posições de defesa nas mãos de Nagi.

A situação de Kurapatine na Manchúria é tudo mais do que rêsca. Em 10 de Outubro, trava-se a segunda batalha de Liou-Yang, estando empenhados na 120.000 russos contra 230.000 japoneses. Passam 3 dias em que os japoneses deixam a iniciativa a Kurapatine. Depois, elles lançam os seus reservas para o combate, que é resolvido esmagadora contra os russos fatigados, que retiram em desordem para o sul de Mukden, além do generalissimo russo estabelece o seu quartel-general. Depois do segunda derrota em Liou-Yang, o Czar cria um segundo exercito na vice-republica da Manchúria. O general Linievitch é avardado em chefe do 1.º exercito e o general Kaubors do 3.º.

Em 4 de Outubro, os contendores encontram-se em Cha-Ho, numa batalha que, ainda que os russos tenham, é a vitória japonesa, alcançada á custa de 20.000 baixas. As perdas russas são avaliadas em um quarto de tôdas as effectivos de Kurapatine. Os nipões progredem lenta mas seguramente, emba á custo de enormes sacrificios e consa-

gos.

Voltemos por um instante ás operações no mar. Em 14 de Outubro, por ordem do Imperador, saiem de Libau, na Letônia, 7 couraçados, 9 cruzadores e uma dúzia de torpedeiros e contratorpedeiros, afim de reforçar a esquadra do Extremo Oriente. Esta esquadra, composta de 15 couraçados, 12 cruzadores, 12 torpedeiros e 10 navios auxiliares, é enviada em tôda



Gráficos explicativos das principais fases da batalha naval do estreito de Tsushima, entre as esquadras japonesa e russa, depois desta ter feito a grande viagem do Báltico ao Pacífico, contornando a África.

longo trajecto, podendo-se apenas abastecer no alto mar. Na noite de 21 para 22 de Outubro, esta esquadra tocou, no Mar do Norte, perto do Dogger-Bank, com um floteiro de pequenos barcos de pesca ingleses. Obscuros com a mania duma agressão japonesa, vindo por toda a parte minas flutuantes, que poderiam ter sido lançadas por tais barcos, eventualmente ao sítio dos agentes nórdicos em Estocolmo, o almirante Rodjstevsky, comandante da esquadra, dá ordens aos barquitos de pesca para se afastarem do seu rumo. Estes continuam, no entanto, na sua tarefa pacífica, até que os russos dispõem contra eles, recendo que os pequenos escunas, vagamente visíveis no meio da neblina nocturna, manifestassem intenções hostis. Dois pescadores são mortos e uma embarcação afundada.

Chegada a notícia da agressão à Inglaterra, logo toda a imprensa e opinião pública se sublevam indignadas, exigindo reparações. Nicolau II envia ao Rei da Inglaterra condolências. Mas os ingleses querem mais que pesames platónicas. Ameaçam, invocam a sua aliança com o Japão, para obter satisfações. Finalmente, ambos os governos acedem a confiar a resolução do pleito a uma comissão internacional de inquérito. Esta comissão em que estão representadas a Rússia, a Inglaterra, a França, a Austria-Hungria e a América, efectua a sua primeira sessão em Paris, a 19 de Janeiro de 1905. Apreciada a sua conclusão pelos governos em questão, a Rússia teve de pagar à Grã-Bretanha uma indemnização de 65.000 libras, por um pequeno barco de pesca e a vida de dois pescadores. Mas os russos não refletem. Antes pagar do que ver a Inglaterra envolvida no conflito contra eles!

No entanto, a esquadra de Rodjstevsky, que havia navegado separada em várias divisões, fez o seu junção ao longo da costa da Indochina francesa, em 10 de Maio de 1905. Tivera uma rota ingrata. Visto ser beligerante, apenas a França, seu aliado, lhe permitiu abastecer-se nos seus portos, durante a

passagem ao longo da costa atlântica do Índico — pelo que o Japão levantou depois infrutíferos protestos em Paris. Durante a passagem ao longo da costa de Angola, a frota de Rodjstevsky mostra tentos de lancha ferro durante algum tempo, na Baía das Tigres. Uma única pequena unidade portuguesa, a canhoneira «Limpoço» comandada pelo 1.º tenente Silva Nogueira se encontra ali. Este vai a bordo do «Souvaroff», navio-almirante russo, e intima Rodjstevsky a abandonar a baía. E a grande esquadra moscovita, que facilmente poderia reduzir a insignificante canhoneira, respeita a neutralidade portuguesa e sai das águas de Angola.

O almirante russo pretende atingir Vladivostok, tentando iludir a vigilância de Togo. Mas este, não se deixa mistificar. Aguarda o inimigo no Estreito de Tsu-Shima e colhe-o de surpresa, em 27 de Maio. A batalha é dramática. Ambos sabem o que está em jogo. O almirante Togo manda desfilar do seguinte sítio aos seus marinheiros: «O destino do Império depende desta batalha. Espero que cada um faça o que lhe for possível». A esquadra russa fica liquidada. É um desastre completo! De trinta e um navios de todas as categorias, apenas 3 escapam; 2 almirantes, entre eles Rodjstevsky, são prisioneiros; 1 almirante morre durante o combate. Nas tripulações, há 6.000 mortos e 6.000 prisioneiros. Só 2.000 conseguem salvar-se. Do lado dos japoneses, há perdas mínimas: 4 cruzadores e 3 torpedeiros a pique, 120 mortos.

A bandeira do disco vermelho sobre fundo branco — continua dominando o mar.

Quando isto se passava, também o cheque dos russos em terra se accentuava. As operações continuam durante o inverno que é suave. Em Porto-Artur, não há pedra assente sobre pedra. Os japoneses multiplicam as suas investidas.

Stoessel, Fock e Kondratenk defendem a praça hercúlica, mas os defensores, famintos e cansados, não podem resistir por muito tempo, ao im-

peto dos amarelos. Na passagem do ano, Stoessel manda propor a rendição a Nagai. Durante onze meses, a praça havia-se defendido com indisciplinável coragem. Estipulam-se as condições da capitulação e é o fim. Em 13 de Janeiro, os japoneses entram na base tão encarniçadamente disputada. Stoessel, tendo dado a sua palavra de não tomar a combater nesta guerra, embora para Odessa, onde é muito vitoriado e ovacionado. Em S. Petersburgo, em vez de ser louvado pelo seu valente defeso, é submetido a um conselho de guerra e condenado à morte, como decreta a lei russa para todo o general que entregue ao inimigo uma fortaleza. A última da hora, porém, o Czar indultou-o, restituindo-lhe a liberdade e todas as suas dignidades.

O fim de Kuropatkine não é mais brilhante. Em 20 de Fevereiro, principia a formidável hecatombe de Mukden, a batalha decisiva. Kuropatkine retira. É uma retirada desoladora. Em 10 de Março, o marechal Oyama entra em Mukden. Os japoneses perderam 50 mil e os russos 90 mil homens entre mortos e feridos.

Sete dias depois da batalha, Kuropatkine é destituído do comando, que é entregue a Linievitch. O antigo generalíssimo, num encontro dramático, suplica ao seu antigo subordinado, com lágrimas nos olhos, um comando. Concedem-lhe o 1.º exército. De Março a Setembro, ambos os adverbérios, cansados até à extrema, recebem reforços e espreitam-se atentamente. Além do episódio isolado da ocupação da ilha Saichino, nada de importante ocorre. Contudo, nenhum das dois campos deseja que a guerra se prolongue. Na Rússia, as desditas da guerra e a opressão das massas do povo provocam revoltas sangrentas, que constituem o prelúdio da Revolução. No Japão, os políticos são suficientemente prudentes para não exagerar nos seus excessos. O Presidente dos Estados Unidos, Teodoro Roosevelt, oferece os seus bons officios, para servir de mediador. A 10 de Agosto de 1905,

os delegados russos, japoneses e americanos encontram-se pela primeira vez em Portsmouth, nos Estados Unidos. Depois de demoradas discussões, a paz é assinada em 7 de Setembro nesta cidade. Abrange o reconhecimento pela Rússia do preponderância dos interesses japoneses na Coreia, a evacuação da Manchúria pelos dois exércitos, a cedência de Porto-Artur, de Dalny e do meio meridional de Socalina ao Japão e privilégios de pesca japoneses nas águas russas.

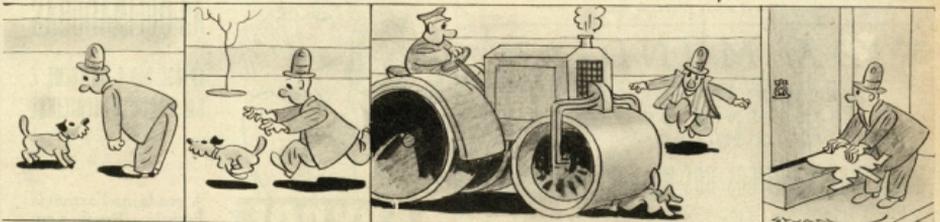
Simultaneamente, o Mikado intensifica o seu aliarço com a Grã-Bretanha. Quando as condições da paz russo-japonesa são divulgadas em Tóquio, alastra em todo o Japão uma formidável indignação popular. O ministério tem de demittir-se. Mas a paz é, por enquanto, uma realidade.

Conta-se que quando o plenipotenciário japonês, Komura, assinou o tratado da paz, teve sobre os lábios um sorriso enigmático, aquelle sorriso estereotipado e indefinível dos orientais. Terá ele adquirido que assinava apenas um armistício, que a última decisão entre russos e japoneses ainda não caíra?...

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

Por absoluta falta de espaço, não nos é possível inserir hoje as habituais páginas dedicadas à «História da Nova Guerra Mundial», da autoria do distinto jornalista Carlos Ferrão, cuja publicação continuará, porém, no próximo número.

O CÃO PERDIDO



— Não há dúvida. Este cão é do do Carvalho. Deve andar perdido. Eu vou-lhe levar.

— Anda cá, «Piloto»! Anda para casa de teu dono! Anda, eu levo-te... Não fugas!

— O diabo! Vais ficar espolpado! Eu não te dou, que viesses comigo? Pela mão-de ir...

— Estou farto de bater e ninguém me responde. O melhor é metê-lo por debaixo da porta...

por Stuart Carvalhal



OS COMANDOS BRITANICOS NA LEBIA — O vice-marechal do Ar. Ceningham, com o general Ritchie, num posto do Estado Maior do deserto.



O GOVERNADOR geral das Indias Orientais Holandesas com o vice-almirante inglês Helrich.



O GENERAL WAVELL, no aeroporto de Xung-King, após a conferência com Chang-Kai-Shek, acompanhado pelo major-general americano George Brett, pelo major-general inglês Denny e pelo brigadeiro Mugruer.

VIDA MUNDIAL

DOCUMENTARIO SEMANAL
DA IMPRENSA DE TODO
O MUNDO

OS MELHORES ARTIGOS DOS MELHORES JORNAIS

A MAIOR VENDA DE TODOS
OS SEMANARIOS PORTUGUESES

CREMES
PARA DE DIA
E PARA DE NOITE

MCCAMPOS

ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA
Avenida da Liberdade, 35
Telef. 2 1866 — LISBOA

Os produtos de beleza
Rainha da Hungria

Para peles normais, embelezam, rejuvenescem e eternizam a mocidade®
Salões de estética e de tratamento de beleza por processos científicos

B.B.C.
A VOZ DE LONDRES

fala e o mundo acredita

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Horas	Estações	Ondas curtas
12,15	Noticiário	GRZ 13,86 m. (21,64 mc/s) GSO 19,76 m. (15,18 mc/s)
12,30	Actualidades	GRV 24,92 m. (12,04 mc/s)
21,00 (*)	Noticiário	GSC 31,32 m. (9,58 mc/s) GSB 31,55 m. (9,51 mc/s)
21,15 (*)	Actualidades	GRT 41,96 m. (7,15 mc/s)

(*) Este período de Noticiário e Actualidades ouve-se também em ondas médias de 261,5 metros (1,149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).

Cria o hábito de ler «LONDON CALLING», semanário ilustrado e órgão oficial da B. B. C.
A venda nas principais tabacarias e na Livraria Bertrand, R. Garrett, 73-75, ao preço de Esc. 1\$20.

CONTRA TODAS AS QUEIMADURAS

APYROL NÃO É UM CREME, É UM PRODUTO MEDICINAL

APYROL

A venda na Farmácia Estácio — Rossio e em todas as boas farmácias e drogarias

A ESFERA MISTERIOSA

(Continuação da pág. 18)

nesta casa. Olhe que todos nós sentimos como se fossem um pouco nossos as suas histórias.

E o velho Stone devia ser sincero ao pronunciar aquelas palavras. Chegou—lhe logo uma cadeira junto da sua secretária e deixou-se cair com um suspiro de fadiga no seu assento giratório.

Charles Read tinha a impressão de que sempre vivera, assim, na intimidade daquele homem cujas atitudes e palavras embargavam e desorientavam durante aquele último ano. Sentiu-se na obrigação de perguntar pelos seus antigos colegas.

—Tudo bem, tudo no mesmo— respondeu Stone.— Os empregados são ainda os antigos. Só para o seu lugar entrou outro rapaz, o Smith, que cumpre, vai cumprindo menos mal... E sentir-nos-íamos muito felizes se não fosse o caso acontecido à pobre Dorothy. Isso é um caso incompreensível... Foi por isso que me lembrei de si. Você é o homem indicado para tornar claro o que os outros se afogam em mistério impenetrável.

—Certo, «mister» Stone— disse o policial— que a caso de Dorothy me merece o mais alto interesse. Chocou-me profundamente.

—Eu sei que o senhor dedicava à pobre rapariga uma grande afecto. Não é tão digno de ser má— pronunciou o comerciante, comovido.— Há muito poucas raparigas, na nossa época, que reúnam tantas e tão excelentes qualidades como ela.

—Eu gosto a Charles ouvir falar daquele modo a respeito de Dorothy. Era como se elogiasse uma pessoa da sua família.

—Ela continuava a ser comediada como antes?— inquiriu.

—Com a mesma coisa— respondeu Stone.— Muito boa colega, muito boa empregada. O senhor não calcula o entusiasmo com que ela seguia os seus triunfos. Andava sempre à cata nos jornais de notícias que lhe fizessem referência. Alguns eu li que me foram indicados por ela.

—E quando se deu por sua falta?— perguntou Charles Read.

—Ontem de manhã— disse o comerciante.— Ante-ontem, ainda ela ali esteve perfeitamente, sem que ninguém pudesse prever o que iria acontecer-lhe. Porquê não a presentia, por certo, porque foi um dos dias em que se mostrou mais jovial e bem disposto. Ontem de manhã, procurou-me a pobre mãe, afilhada de Dorothy, não fôra para casa na noite. Dorothy fôra sempre pontual, nunca faltara em casa. Não era, como a outra irmã, a tal Judy, que, por vezes, se constava, batia todas as «reclamações» do estouvamento e levandoo.

—«Misters Stone chegou a conhecer a irmã de Dorothy?»

—Não, nunca a vi— respondeu o negociante.— Mas disseram-me que era muito bonita. Quem a conhecia bem era John King, que era um espécime de protector daquela família. Foi elle mesmo quem me inculcava Dorothy como empregada e estou-lhe até bem grato por isso, não podia encontrar pessoa mais assídua e mais perfeita no seu trabalho, merecia bem o dinheiro que ganhava e que espero volte a ganhar, porque não perdi a fé de encontrá-la. Porinho em si todas as minhas esperanças, caro Read.

Stone collou-se, comovido. O «detective» recorreu um instante, pronunciou:

—Que pensa a mãe de Dorothy do desaparecimento da filha?

—A pobre velhota nem sabe o que pensou. Diz que não comprehende.

Ainda no caso da outra filha, não lhe era muito difícil admitir hipóteses, de entre as quais a mais aceitável é a que Judy teria possivelmente seguido algum amante, numa súbita reviravolta de espirito, que lhe era peculiar.

—Sim, lembro-me de que Dorothy admitiu também essa hipótese— disse Charles Read.— Mas não a podemos aplicar neste caso.

—Oh! Não!— exclamou Stone.— Dorothy de hoje bem diferente. Por isso mesmo se torna mais difícil encontrar explicações plausíveis para o seu desaparecimento. Ela vivia relativamente feliz. Tinha aqui um bom ordenado que lhe chegava e sobrava para viver com a mãe uma existência folgada. Além disso, muito poupada, pouco dada a divertimentos, sem preocupações de «flirt». Também não era rica, que pudesse tornar-se boa presa para os profissionais de raptos. Quem a poderia ter levado? Que razões haveria para a rapta?

Stone collou-se, desolado. O policia ficou pensativo. Foi com voz insegura que inquiriu:

—Não teria elle despertado alguma paixão que, não sendo correspondida, levasse o apaixonado a conquistá-la à força?

—Realmente, ella é uma jovem cativante, bonita, esbelta— respondeu o anciano.— Mas o sua beleza não me prende daquelles que proovegem, que perturbem os sentidos. A sua beleza tem qualquer coisa de espiritual, que os temperamentos sensuais não devem apreciar nem notar sequer.

Charles Read concordava intimamente o que acabava de ouvir. Elle também tinha essa impressão da beleza de Dorothy. Parecia-lhe até que só elle tinha olhos para descobrir a sua sedução.

De súbito, um pensamento atravessou-lhe o cérebro: teria o rapto de Dorothy alguma relação com o caso da esfera de aço? Não era John King o homem que a irmã de Dorothy, uma espécie de seu protector? Seria elle o conhecedor da existência da esfera? Estes pensamentos perturbaram-no tanto que, por momentos, abriu a cabeça entre os dedos com a recesce que elle estava. Entretanto, Stone ia dando informações sobre o sucedido.

—A pobre mãe— dizia elle— revelou ontem cá e terro na esperança de encontrar a filha. Nós, aqui, também empregamos os nossos melhores esforços. As esperanças foram fugindo, uma a uma. Nem nos hospitais, nem na prisão, nem no necrotério se encontrou a pobre rapariga. Participou-se hoje o caso para os jornais. Pensou-se que a intervenção do policia. Eu, porém, é que fui da ideia de recorrer à sua habilidade para estas coisas, meu caro Read. Só o senhor poderá fazer alguma luz no meio deste mistério.

O desespero de Charles Read n'aquelle momento, era sentir só trevas, das mais espessas, à sua volta. E agora que estava em perigo a vida de uma pessoa querida é que elle se sentia mais desorientado. O desaparecimento de Dorothy era um enigma não conhecido como o da bola de aço. Veio-lhe de novo a ideia o milionário. Não haveria qualquer analogia entre o caso d'elle e o de Dorothy?

«Mister» King não sabe ainda do desaparecimento?— inquiriu inesperadamente o policia.

Stone teve uma ligeira hesitação antes de responder. Depois, pausadamente pronunciou:

—Certo que «mister» King já deve ser sabedor, pelo menos, por intermédio dos jornais. Mas a falta de Dorothy não deve offligi-lo tanto como a de Judy.

Charles Read franziu o sobrecejo e profereu:

—Não comprehendo porquê...

—É muito simples— explicou o outro, com um sorriso amargo.— Quando Judy desapareceu, King alarmou-se muito, chegou mesmo a oferecer uns milhares de dólares pelo resgate, porque a rapariga era sua amante.

—Que?— exclamou Read, erguendo-se inadvertidamente da cadeira.— Judy era amante de John King?

—Era... Julguei que o senhor sabia... Principiu por ser dactilographa particular de King e depois... como ella não era pessoa muito escrupulosa, tornou-se amante d'elle. Foi um caso que se resolveu por si... Certo que chegou a haver certos desenhos no lar do milionário por causa disso. Dai nasceu o interesse d'elle por todo o familia de Judy e a razão porque me recomendo Dorothy.

—É espontaneo...— murmurava o «detective».

E, como que atacado por uma pressa subito, despediu-se de Stone que o olhava atônito e correu para a saída.

—Mas... Mas que aconteceu?— inquiriu o comerciante, no augo do

assombro.— Descobriu alguma pista?...

—Parece-me que sim... Eu, depois, darei noticias minhas... Adeus!...

E, com estas palavras, Charles Read desapareceu, a correr e a repetir a meio voz como que para não se esquecer:

—Interessava-se pelo outro, porque era sua amante... Interessava-se pelo amante... Esta não lhe interessa... Acheu-se no posado, procurando instintivamente um «taxi» livre. Mandou parar o primeiro que surgiu e atirandoo para o banco estocado exclamou:

—Mas foi então Judy quem lhe vendeu a bola de aço... Por isso lhe interessava encontrá-la... Esta não lhe interessa.

O «chauffeur», alhinho-a desconfiado, julgandoo na presença de um louco, inquiriu:

—Para onde?

—Décima Avenida... Não! Não!... Para Oakland Street. Preciso de descansar.

O «taxi» partiu a toda a velocidade.

(Continua)

QUEM ROUBOU? ONDE ESTÁ? QUE CONTÉM?

Até ao dia 31 do mês próximo, todos os leitores da «Vida Mundial Illustrada» e do nosso folhetim policial «A Esfera Misteriosa» têm uma oportunidade para pôr à prova as suas qualidades de sociabilidade e perspicácia.

Acompanhando a leitura da obra de Max Felton, todos podem tomar parte num curioso concurso. Basta que, até ao dia 31 de Março nos mandem, em carta fechada, as respostas a estas três perguntas ligadas com a acção do romance:

- 1.º— Quem roubou a esfera misteriosa?
- 2.º— Onde está a esfera misteriosa?
- 3.º— Que contém a esfera misteriosa?

Os leitores que acertarem com as respostas ficam habilitados a três prémios, a atribuir da seguinte maneira:

- 1.º prémio — À quem acertar com as três respostas.
- 2.º prémio — À quem acertar com as duas das perguntas.
- 3.º prémio — À quem acertar com a resposta a uma das perguntas.

Damos, a seguir, a indicação dos três prémios que «Vida Mundial Illustrada» oferece para este sensacional concurso:

1.º PRÉMIO — UMA VALIOSA COLEÇÃO COMPLETA DOS ROMANÇOS POLICIAIS E DE ADUROSAS AVENTURAS DO PRINCEPE SAVIL — O HERÓI QUE SE ODEIA E QUE SE AMA — DA AUTORIA DO GRANDE ESCRITOR AMERICANO JOELSON.

9 LIVROS — 8 ROMANÇOS — 9 MISTÉRIOS

- 1 — O rapto de Miss Darnby.
- 2 — Os forçados da ilha sem nome.
- 3 — Um crime nas ruas de Nova-York.
- 4 — O tenebroso mysterio do Bairro Chínês.
- 5 — A mulher jogada aos dados.
- 6 — A história sem nome dum homem sem pernas.
- 7 — O clube dos «gangsters».
- 8 — Um grilo no 65.º andar.
- 9 — A dança do sabre.

UM PRÉMIO ADMIRÁVEL. UMA COLEÇÃO DE ROMANÇOS QUE FICARÁ BEM EM QUALQUER BIBLIOTECA

2.º PRÉMIO — UMA DAS MELHORES OBRAS DO GRANDE ESCRITOR INGLEZ EDGAR WALLACE.

O INTRIGANTE (THE MIXER). Um livro assinado por um dos melhores autores do género policial de todo o Mundo.

3.º PRÉMIO — DOIS ROMANÇOS DA CONSAGRADA «COLEÇÃO DETECTIVE»: O CAO POLICIA, de Nelson Mackey, e A TRAGÉDIA DO PALHAÇO, de James Black.

LEIA O NOVO LIVRO DE RAMADA CURTO

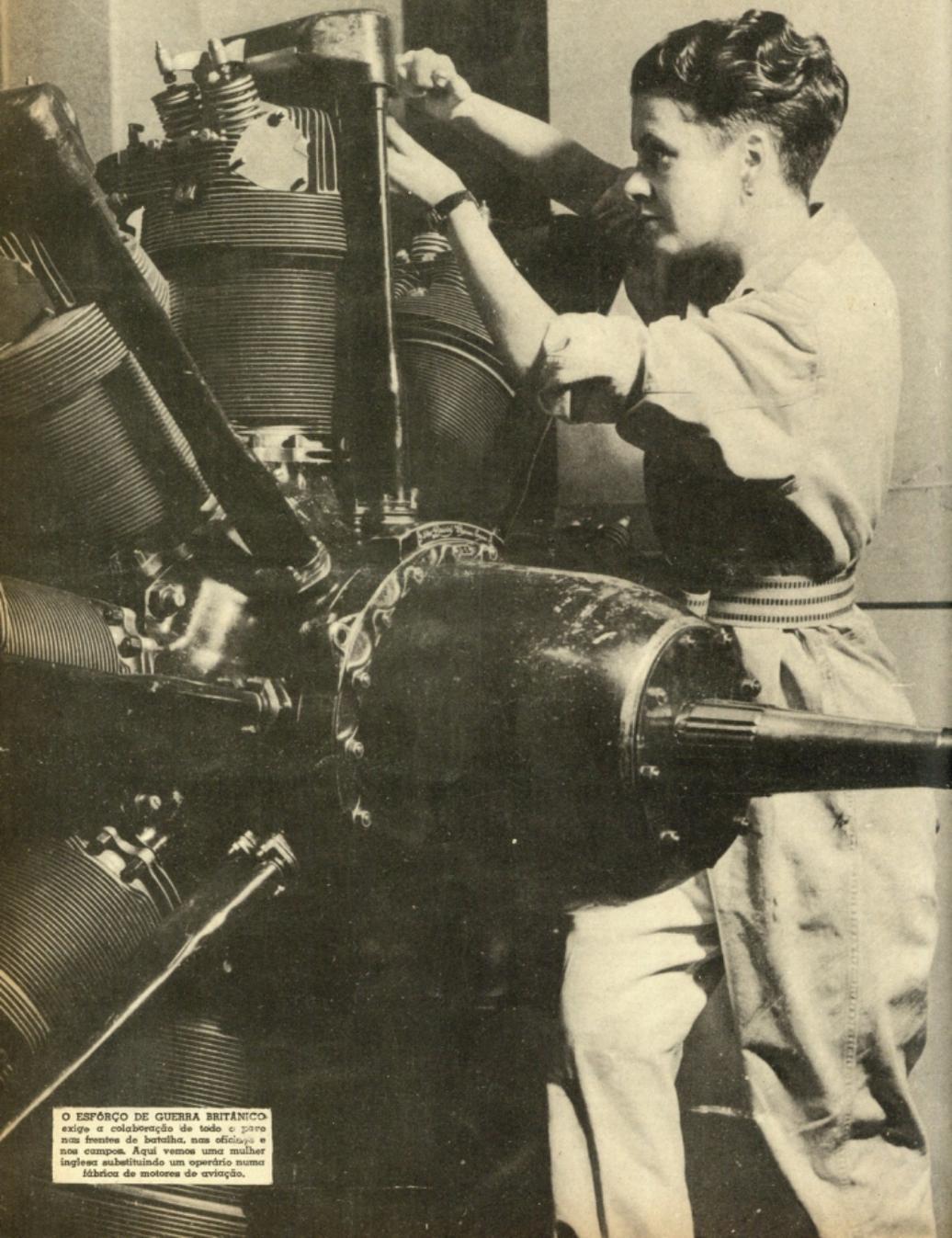
«Do Diário de José Maria»

O MAIOR ANCIOSAMENTO LITERÁRIO DESTA ÉPOCA
UM LIVRO ANCIOSAMENTE AGUARDADO PELO PÚBLICO

Distribuidores gerais

AGÊNCIA INTERNACIONAL — R. S. Nicolau, 119-2.º

LISBOA



O ESPÓRÇO DE GUERRA BRITÂNICO
exige a colaboração de todo o povo
na frente de batalha, nas oficinas e
nos campos. Aqui vemos uma mulher
inglesa substituindo um operário numa
fábrica de motores de aviação.